



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

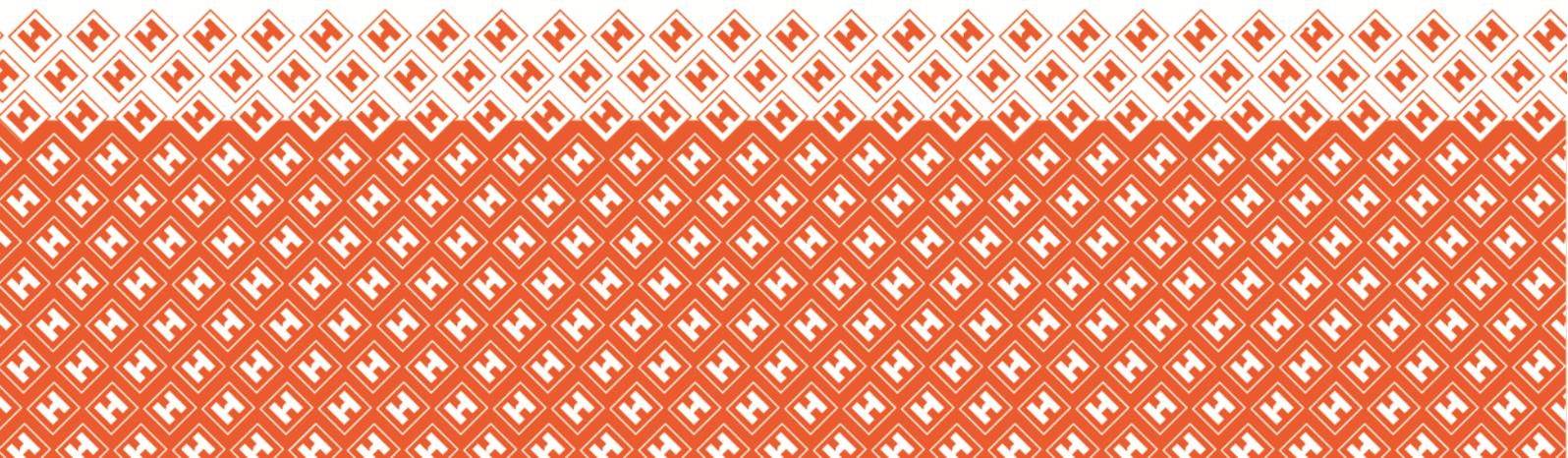
---

TIAGO GALINSKI DA SILVA

**RODOVIA BR 277: COMO  
APRENDER HISTÓRIA A PARTIR  
DE UMA ESTRADA?**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Janeiro / 2025



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

**TIAGO GALINSKI DA SILVA**

**RODOVIA BR 277: COMO APRENDER HISTÓRIA A PARTIR DE  
UMA ESTRADA?**

**CAMPO MOURÃO – PR  
2025**

**TIAGO GALINSKI DA SILVA**

**RODOVIA BR 277: COMO APRENDER HISTÓRIA A PARTIR DE  
UMA ESTRADA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** Ensino de História

**Linha de Pesquisa:** Linguagens e Narrativas históricas.

**Orientador:** Dr. Fábio André Hahn

**CAMPO MOURÃO – PR  
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Galinski da Silva, Tiago

Rodovia BR 277: como aprender história a partir de uma estrada? / Tiago Galinski da Silva. -- Campo Mourão-PR, 2025.

119 f.: il.

Orientador: Fábio André Hahn.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História) -- Universidade Estadual do Paraná, 2025.

1. História do Paraná. 2. Ensino de História. 3. Metodologias ativas. 4. BR 277. I - Hahn, Fábio André (orient). II - Título.

**TIAGO GALINSKI DA SILVA**

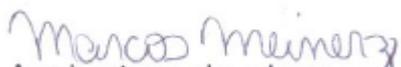
**RODOVIA BR 277:  
COMO APRENDER HISTÓRIA A PARTIR DE UMA ESTRADA?**

**BANCA EXAMINADORA**



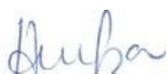
---

Dr. Fábio André Hahn (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História  
– ProfHistória/ Universidade Estadual do Paraná (Unespar)



---

Dr. Marcos Eduardo Meinerz – Universidade Estadual do Paraná (Unespar)



---

Dra. Helena Ragusa Granado – Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

Data de Aprovação

13/02/2025

Campo Mourão – PR

Dedico esta dissertação a minha família, e em especial meus pais Itacir e Cleide e meus irmãos Tailor e Thais com carinho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, de diferentes formas, me acompanharam nesta jornada de aprendizado e transformação.

À minha família, que sempre acreditou em meu potencial e me ofereceu o amor incondicional, a paciência e o apoio necessários para trilhar este caminho. Aos meus pais, que me ensinaram os valores do esforço e da perseverança, e que, com suas palavras de encorajamento e seus exemplos de vida, me inspiraram a nunca desistir dos meus sonhos.

Em particular quero agradecer ao meu Orientador Dr. Fábio André Hahn, por sua orientação sábia, paciência e confiança em meu trabalho. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para que este projeto se tornasse realidade.

Agradeço a banca examinadora desta pesquisa, Dra. Helena Ragusa Granado e ao Dr. Marcos Meinerz pelas considerações e explicações que foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos e colegas de curso Adriana Remor, André Felipe Svolinski, Ellen Karen Velasco Silva, Fábio Augusto Bertuol, Francisco Lopes da Silva, Gelssi Marli Müller Ferreira, Ilda Aparecida de Souza, Mariele de Fátima Cunico, e Flávia Pires, que compartilharam comigo os desafios e as conquistas desta etapa. Suas palavras de incentivo e os momentos de troca e descontração tornaram esta jornada mais leve e significativa.

Agradeço aos meus colegas de viagem, que compartilharam comigo a carona e tornaram possível a conclusão da primeira etapa deste curso, mesmo diante de minhas limitações financeiras. À Adriana Remor, sempre sorridente e acolhedora; à Gelssi Marli Müller, que nas manhãs de quinta-feira me recebia em sua casa para um café repleto de carinho, gesto pelo qual serei eternamente grato; e ao meu amigo Fábio Augusto Bertuol, nosso motorista oficial no trajeto entre Cascavel e Campo Mourão. As nossas conversas sobre a história do rock e o nosso time do coração, o Grêmio, foram o alicerce de uma bela amizade. Seus conselhos, incentivos e a dedicação em ler e revisar meus textos, oferecendo sugestões, foram de imenso valor durante esse processo. Tenho certeza de que essa parceria continuará a render novos e promissores projetos no futuro.

À Ellen Karen Velasco Silva, amiga e confidente de todas as horas, expresse minha profunda gratidão. Nossas intermináveis conversas, seu apoio e sua paciência ao ler meus textos, oferecendo dicas valiosas, foram fundamentais para este projeto se concretizar. Seu carinho e sua companhia desempenharam um papel essencial ao longo dessa jornada, tornando-a mais leve e significativa.

Agradeço a todos os meus professores do mestrado pelos ensinamentos e dedicação, Prof. Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes, Prof.<sup>a</sup> Dra. Cyntia Simioni França, Prof.<sup>a</sup> Dra. Eulália Maria Aparecida de Moraes, Prof. Dr. Federico José Alvez Cavanna, Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello, Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva e Prof. Dr. Jorge Pagliarini Júnior. Agradeço a UNESPAR, campus de Campo Mourão pela acolhida e afeto.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de expressar minha sincera gratidão aos meus alunos que participaram desta pesquisa. A aprendizagem e as experiências compartilhadas foram verdadeiramente enriquecedoras. Agradeço também à equipe do Colégio Estadual do Campo Irmã Rodrigues da Cruz pelo apoio e colaboração durante todo este período.

“Escrever é duro como quebrar rochas.  
Mas voam faíscas e lascas como aços  
espelhados.”

Clarice Lispector

## RESUMO

SILVA, Tiago Galinski da. **Rodovia BR 277: como aprender história a partir de uma estrada?** 118f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2025.

A BR-277 tem uma extensão de 730km, ligando Foz do Iguaçu, no oeste, à Paranaguá, ao leste do estado do Paraná. A história da estrada é parte importante da história do Paraná, com traçado inicial realizado por agentes da Colônia Militar de Foz do Iguaçu em 1889. Considerando a importância dessa estrada na história do Paraná, o objetivo é elaborar um material didático com base em uma metodologia ativa conhecida como “aprendizagem baseada em projetos” (ABP) para alunos/as do 9º ano do ensino fundamental II, procurando avaliar como eles aprendem história.

**Palavras-chave:** BR 277, Ensino de História, História do Paraná, Metodologias ativas.

## ABSTRACT

SILVA, Tiago Galinski da. **Highway BR-277: how to learn history from a road?** 118 pages. Dissertation. Postgraduate Program in History Teaching - Professional Master's Degree. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2025.

The BR-277 is 730km long, linking Foz do Iguazu in the west to Paranaguá in the east of the state of Paraná. The history of the road is an important part of Paraná's history, with the initial route being drawn by agents of the Foz do Iguazu Military Colony in 1889. Considering the importance of this road in the history of Paraná, the aim is to develop teaching material based on an active methodology known as "project-based learning" (PBL) for students in the 9th grade of Elementary School II, seeking to evaluate how they learn history.

**Keywords:** BR-277, History teaching, History of Paraná, Active methodologies.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Estado do Paraná em 1901.....	16
Figura 2: Mapa do Estado do Paraná em 1901.....	33
Figura 3: Mapa do Estado do Paraná em 1944.....	36
Figura 4: Distribuição das concessões de pedágios.....	39
Figura 5: Lotes da nova concessão de rodovias.....	40
Figura 6: Faixada do Colégio Estadual do Campo Irma Rodrigues da Cruz.....	47
Figura 7: Capa do material didático.....	51
Figura 8: Orientação para os professores.....	52
Figura 9: Introdução.....	54
Figura 10: História e Memória da BR 277.....	56
Figura 11: Atividades.....	82
Figura 12: Referência.....	86
Figura 13: <b>Evidências da atividade 1:</b> estudante 1.....	98
Figura 14: estudante 2.....	98
Figura 15: estudante 3.....	99
Figura 16: estudante 4.....	99
Figura 17: estudante 5.....	100
Figura 18: <b>Evidências da atividade 2:</b> estudante 1.....	101
Figura 19: estudante 2.....	102
Figura 20: estudante 3.....	103
Figura 21: estudante 4.....	104
Figura 22: estudante 5.....	105
Figura 23: estudante 6.....	106

## **LISTAS DE TABELAS**

Tabela 01: Resultados quantitativos do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.....	23
Tabela 02: Características essenciais da Aprendizagem Baseada em Projetos.....	45

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ABP – Aprendizagem Baseada em Projetos
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CREP – Currículo da Rede Estadual Paranaense
- UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
- UFPR – Universidade Federal do Paraná
- UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista
- LRCO – O Livro Registro de Classe Online
- PBL – Problem-Based Learning
- PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional
- PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
- ProfHistória – Programa de Pós-graduação em Ensino de História
- SEED-PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1: APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: APRENDER HISTÓRIA A PARTIR DE UMA RODOVIA</b> .....	28
1.1 Uma proposta de aprendizagem: o caso da História de uma rodovia no Paraná...28	
1.2 Metodologias Ativas: Aprendizagem Baseada em Projetos .....	40
<b>CAPÍTULO 2: A BR 277 E A HISTÓRIA DO PARARÁ: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PEDAGÓGICO</b> .....	46
2.1 A proposta do material didático pedagógico.....	46
2.2 O público alvo e a escola.....	47
2.3 BR 277: História e memória .....	50
<b>CAPÍTULO 3: APRENDER POR PROJETOS, É POSSÍVEL?</b> .....	89
3.1 Aplicação do material didático com base na metodologia ativa.....	89
3.2 Os resultados .....	94
3.3 É possível aprendizagem por projetos no ensino de História? Algumas considerações .....	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113
<b>ANEXO</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema BR-277 está intrinsicamente relacionada com minha trajetória pessoal, esteve presente em diferentes momentos quando da formação. Estamos todos inseridos nas vivências da escola Estadual do Campo Irma Rodrigues da Cruz, localizada na região de abrangência da BR-277, e temos uma relação muito próxima com a história dessa estrada, tendo em vista que o surgimento de cidades ao longo deste caminho e sendo caminho obrigatório para todos os envolvidos na pesquisa.

Embora seja um tema ainda pouco observado na historiografia, o estudo de uma estrada pode contribuir com o ensino de História, aproximando os alunos a partir de uma referência espacial e sensorial comum a todos.

A BR-277 demarca o horizonte ao longo de 730 quilômetros de extensão, ligando a cidade de Foz do Iguaçu, no extremo oeste paranaense - fronteira com Paraguai e Argentina, à Paranaguá, no leste do estado. A história dessa estrada pode ser considerada como uma importante artéria que compõe o corpo político e econômico do espaço estratégico territorial do Estado do Paraná (Magnoli, 1997, p. 259). Ligar os extremos do território paranaense sempre foi uma estratégia importante para o governo na defesa da fronteira e comunicação com o extremo oeste, pois a fronteira carecia de cuidado e a presença da “mão do Estado” na região facilitaria sua integração, tanto do ponto de vista político, quanto econômico.

Segundo Wachowicz (2010, p. 275), durante o século XIX e o início do século XX, o acesso ao interior do estado era um ponto importante na garantia da defesa das fronteiras, uma vez que Brasil e Argentina haviam assinado um tratado de navegação pelos rios Paraná e Paraguai para alcançar a região de Mato Grosso. Porém, este tratado de navegação também tinha uma contrapartida para os países vizinhos com a Argentina obtendo do Brasil a permissão de navegar o Rio Paraná, da Foz do Iguaçu até as Sete Quedas.

O Brasil, desta forma, conseguia comunicar-se com o estado de Mato Grosso, isolado geograficamente, porém segundo Ruy Wachowicz (2010, p. 275), abriu-se um precedente, “a região oeste do Paraná ficou mais exposta à penetração argentina, via fluvial”, ficando a região de fronteira distante das “mãos” do Estado brasileiro e suscetível a invasores estrangeiros.

A abertura de uma estrada carroçável, no início do século XX, ligando a região do extremo oeste com o restante do território, apesar das dificuldades, foi uma solução estratégica para manter o controle sobre a região. Frente a isso, o governador Francisco Xavier da Silva (1892-1893), ordenou a construção da BR ou neste momento estrada estratégica. Neste sentido,

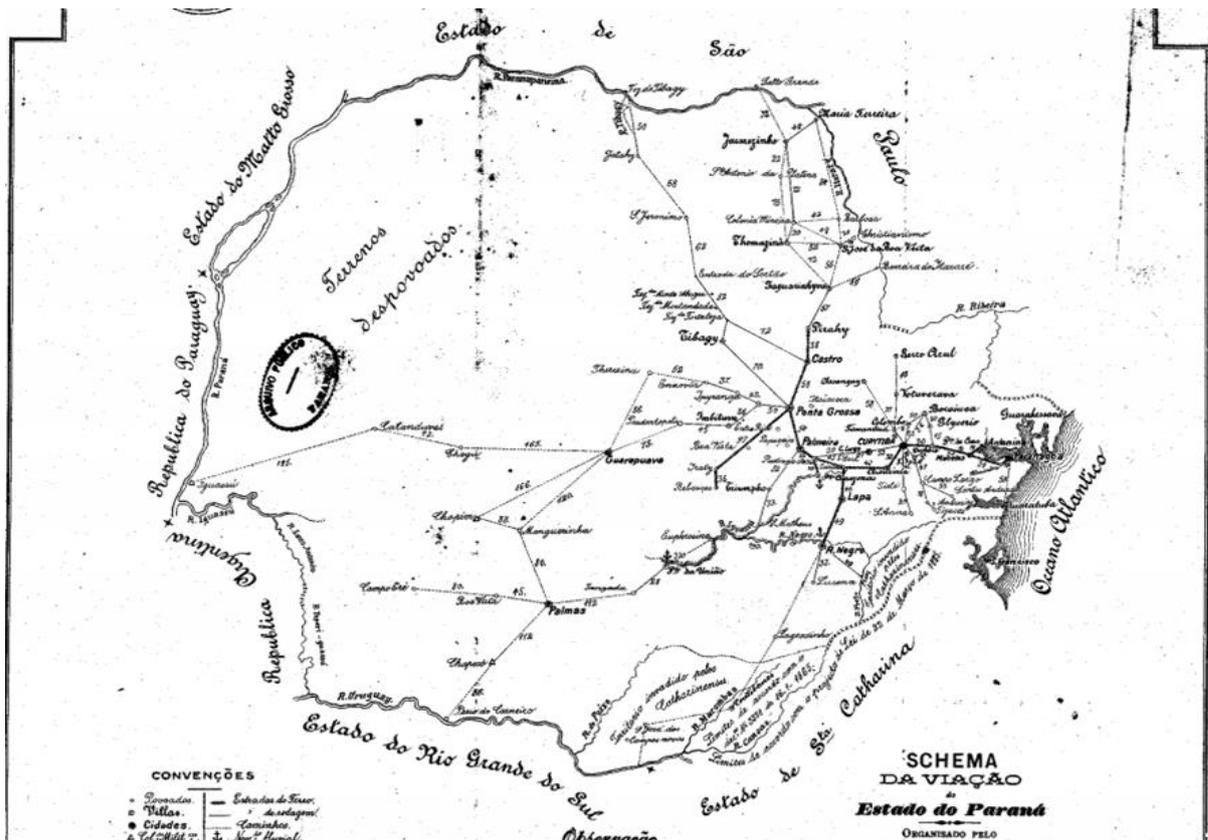
a estrada foi uma saída estratégica pelo Estado, considerando que a navegação pelos Rios Ivaí, Piquiri e Iguaçu tinha limitações e a rota mais praticada, via Rio da Prata, estava associada a disputas geopolíticas.

A construção da estrada possibilitou, para além do acesso e proteção da fronteira, uma ligação econômica que resultou na aproximação das regiões oeste e leste. Com esse novo caminho, alguns povoados foram se estruturando e novas cidades foram sendo criadas ao longo do trajeto, como Cascavel, Catanduvas e Guaraniaçu.

Segundo Lucinéia Steca Cunha e Mariléia Dias Flores (2002, p. 94), essa criação também revelou outros problemas, a exemplo da presença de ervateiros argentinos no território, símbolo do descaso das autoridades locais, que ignoravam a ação de atividades ilícitas de contrabando. Não havia, segundo Wachowicz (2010, p. 275), “[...] nenhuma infraestrutura instalada na região capaz de cobrar os impostos de exportação devidos”. Esse fato demonstra como a fronteira estava exposta a entrada desenfreada de estrangeiros e a própria economia local passava por essa influência segundo Wachowicz (2010, p. 285) “o dinheiro de maior circulação era o peso argentino”, a moeda brasileira continua o autor “o mil-réis era praticamente desconhecida”, desta forma demonstra a necessidade uma ligação com o extremo oeste paranaense.

A construção da estrada permitiu uma maior presença do estado na região de fronteira como pode ser observado no mapa abaixo:

Figura 1: Mapa do Estado do Paraná em 1901



Fonte: Relatório da Secretaria dos Negócios e Obras Públicas do Estado do Paraná, 1901.

Observando o mapa, é verificamos o reduzido acesso as estradas entre os extremos do estado, não significando que o interior estivesse despovoado, mas sim sem estradas formais de acesso.

A partir de Guarapuava, última cidade a oeste do estado, ocorria um interesse do estado em incentivar um fluxo migratório que possibilitasse maior presença e controle do território, porém sendo tradicionalmente ocupada pelos povos indígenas Guarani e Kaingang, foi visto pelo governo provincial como um obstáculo. A saída encontrada pelo estado foi a criação de aldeamentos indígenas (Mota, 1994).

Desta forma, podemos perceber que os povos indígenas sempre viveram presentes na região centro-sul do estado, mas eram considerados uma presença indesejada pelo governo provincial, resultando na criação do aldeamento do Rios das Cobras constituído oficialmente em 1901, no atual município de Nova Laranjeiras, sendo considerado o maior aldeamento indígena do estado do Paraná. O traçado da BR 277 perpassa por este espaço mesmo após os ajustes entre os anos de 1950 e 1960.

Apesar da estrada estar presente na história e nas relações humanas cotidianas dos moradores da região, pouco se fala de sua importância histórica, ignorando elementos fundamentais da História do Paraná. Buscando refletir sobre esses aspectos relacionando a

história local, a proposta da presente dissertação é avaliar como os alunos aprendem sobre a História do Paraná, neste caso a partir de metodologias ativas, que se interliguem a esse recorte espacial.

O ensino de História do Paraná se tornou obrigatório a partir da Lei Estadual nº 13.381/2001, referência para entender aspectos da constituição do Paraná, incluindo desde as ações de ocupação das fronteiras até a dinâmica de fluxos econômicos e das relações sociais construídos ao longo do seu percurso, apesar da lei, ainda se encontra um número reduzido de materiais didáticos disponíveis nas escolas e a pouca efetivação no cumprimento da legislação.

Na prática, o que notamos, é uma ausência, uma lacuna em relação a essa história, deixada de lado ao privilegiar os conteúdos propostos pelo planejamento da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED)<sup>1</sup>. O qual consta a distribuição do conteúdo a ser trabalhado em cada componente curricular durante o ano letivo. Essa lacuna, pode ocorrer pelo número de aula inferiores as necessidades necessárias a esse trabalho, diminuindo de três (3) para duas (2) aulas semanais e até mesmo pelo engessamento do cronograma de ensino dos componentes curriculares. Com isso, verifica-se a necessidade de ampliar as aulas referente a história do Paraná, fato que comprova a reduzida aplicação de aulas pode ser verificado no Livro de Registro Online (LRCO)<sup>2</sup> em sua aba de planejamento.

O livro de registro online (LRCO) foi criada em 2012 e a partir de 2013 foi sendo implantada gradativamente nas escolas para substituir os livros físicos de registro. Hoje todos os colégios públicos do Paraná utilizam-se desta ferramenta, que também é utilizada para realizar a chamada dos estudantes, registro de notas, avaliações e observações dos estudantes e do conteúdo. Portanto, é uma ferramenta utilizada por todos os professores da rede pública. Na aba de planejamento encontramos o conteúdo a ser seguido por todo o trimestre, que traz uma proposta de ensino engessada, como discutiremos mais adiante, em que o/a professor/a pode interferir muito pouco, como exemplo, no nivelamento das aulas, em que todos os trimestres o conteúdo vem previamente dispostos em slides prontos<sup>3</sup>.

Por essa razão, acredita-se que ao criarmos um material que está dentro daquilo que contempla as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), sobre o qual professores/as e estudantes terão possibilidades de

---

<sup>1</sup> <https://drive.google.com/drive/folders/1tcFC-adZYkKHF5DneZhuaWljr8Es-8b?usp=sharing> No link você têm acesso às Listas de conteúdos do 1º, 2º e 3º trimestres de 2024.

<https://drive.google.com/drive/folders/1cb5h-R3muz3Xo8Q3rHiAt-XR0imguHaD?usp=sharing> Planos de aula RCO 1º, 2º e 3º trimestres de 2024 em PDF.

<sup>2</sup> [https://professor.escoladigital.pr.gov.br/rco\\_mais\\_aulas](https://professor.escoladigital.pr.gov.br/rco_mais_aulas)

<sup>3</sup> <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1IhMOePwjOIrQU37ZmtaagFUUYeVJGzqAwR2rj4c00tc/edit?usp=sharing> Aulas de Nivelamento 1º, 2º e 3º trimestres de 2024

interagir, refletir, discutir e dialogar, estaremos possibilitando uma história que ainda não foi escrita, mas que se cruza com a proposta de história que está no planejamento pré-imposto. Desta forma, teremos a possibilidade de trabalhar concomitantemente o conteúdo mais próximo do estudante, sem deixar de trabalhar o planejamento da SEED, permite ao professor certa autonomia, ao flutuar no planejamento e expandir para além de um conteúdo proposto no Livro de Registro de Classe Online.

Além desses aspectos, percebe-se uma lacuna importante no que se refere a Lei nº 13.381, que desde 2021 traz a obrigatoriedade do ensino de História do Paraná, mas que ainda apresenta limitações quanto a disponibilidade de materiais didáticos pedagógicos, com especial destaque, neste caso para a metodologia de aprendizagem baseada em projetos. Segundo Moran (2018, p. 16), “por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico e criativo e a percepção de que existem várias maneiras de se realizar uma tarefa”.

Nesse sentido, segundo Moran (2015, p. 25), “trabalhar com modelos flexíveis com desafios, com projetos reais, com jogos e com informação contextualizada, equilibrando colaboração com a personalização é o caminho mais significativo hoje”, os materiais que suportam metodologias ativas são essenciais para tornar o processo educativo mais dinâmico, colaborativo e focado nas necessidades dos alunos. Eles afirmam para o desenvolvimento de habilidades essenciais no século XXI, como pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade, além de preparar os alunos para desafios reais e promover a inclusão.

Segundo Moran (2021, p. 8), as metodologias ativas

[...] constituem-se como alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem nos aprendizes, envolvendo-os na aquisição de conhecimento por descoberta, investigação ou resolução de problemas, numa visão de escola como comunidade de aprendizagem (onde há participação de todos os agentes educativos: professores, gestores, familiares e comunidade de entorno e digital).

Partindo desta perspectiva, podemos aprender em diferentes meios, não apenas na sala de aula e com o livro didático. A internet chegou com inúmeras possibilidades de instrumentos de aprendizagem, porém é necessário o cuidado e a conscientização de que a tecnologia não traz apenas benefícios, pois, quando não mediada adequadamente, surte o efeito oposto, “gerando consumo de informações instantâneas, sem gerar aprendizagem” (Hahn; Giovanni, 2015, p. 432).

Apesar do objetivo ser avaliar o processo de aprendizagem por meio de metodologias ativas, estudar a história do Paraná como conteúdo de referência é extremamente importante para aproximar os estudantes a sua realidade cotidiana, como destaca Caimi:

De modo a superar o verbalismo das aulas de história circunscritas apenas a temporalidades remotas, a espaços distantes e a determinadas memórias com as quais a maioria dos estudantes que frequenta a escola brasileira não se identifica e nas quais não reconhece as suas experiências, tampouco as de seu grupo de pertença (2010, p. 60).

Assim, a ideia de construção do material que privilegie essa abordagem local, dialogando com experiências e vivências dos estudantes, permite que eles reconheçam suas próprias histórias em sua comunidade e em um contexto mais amplo, contribuindo na construção de suas identidades.

Essa concepção surgiu da cultura escolar<sup>4</sup> de onde atuo, e estou inserido há quatro anos. Localizada no interior do município de Diamante do Sul, Região Oeste do Estado do Paraná, a escola Irma Rodrigues da Cruz está situada a dez quilômetros da sede do município. Composta em sua maior parte por um público alvo vindo de famílias de trabalhadores rurais, boa parte dos/as estudantes trabalham nas diversas fazendas da região, e por essa razão, há certa rotatividade ao longo do ano letivo. Essa característica peculiar exige da escola uma abordagem pedagógica flexível, capaz de se adaptar às necessidades e desafios enfrentados por esses jovens, que muitas vezes conciliam a rotina escolar com atividades laborais, em busca desse trabalho que busquei a formação continuada.

No ProfHistória pude conhecer melhor a metodologia ativa de aprendizagem baseada em projetos (ABP), e então comecei a pensar em como ela atenderia o público com quem diariamente lido e como aliá-la as expectativas do ensino de História e sua realidade, seus códigos culturais, como aliá-lo ao ensino de História e ao cenário da educação básica, que tem mudado de forma muito rápida no decorrer das duas últimas décadas: quanto a isso, três argumentos são importantes a serem discutidos.

O primeiro ponto aborda a atenção dedicada ao ensino de história e às pesquisas desenvolvidas na área, por meio de diversos programas, tanto em âmbito nacional quanto

---

<sup>4</sup> Dominique Julia (2001, p. 10) Cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

estadual. Segundo Hahn e Giovanni (2015, p.430) o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); Residência Pedagógica (programas nas universidades para formação de professores); o PDE no Paraná (para formação continuada de professores), que retomou novas turmas a partir de 2023; e o ProfHistória (para formação continuada de professores em nível nacional), criado em 2012 com o objetivo de formação continuada para professores da rede pública e demais docentes, tem colaborado na difusão e no aprimoramento do processo de ensino aprendizagem de história de qualidade. Bittencourt (2002, p. 6), nesse sentido, define o ProfHistória como "um processo formativo específico, com finalidades diretamente associadas à melhoria da qualidade da Educação Básica, e particularmente do ensino de história escolar", tornando-se um impulsionador no desenvolvimento de materiais para o ensino.

Nos últimos anos, também tem-se observado um aumento no número de livros, periódicos e projetos de pesquisa sobre o ensino de História. As diversas dissertações produzidas pelo ProfHistória ao longo do tempo têm impactado o ensino de História, oferecendo não apenas formação, mas alternativas estratégicas de metodologias, materiais didáticos e reflexões sobre como conduzir e pensar o ensino de história nas escolas.

O segundo ponto o qual destaco o ensino de história na educação básica, refere-se ao impacto das novas tecnologias (inicialmente o acesso aos computadores, seguido pela internet e, mais recentemente, com a chegada dos smartphones com a internet 2.0), proporciona maior acessibilidade às informações, e também maior interatividade, principalmente no acesso às redes sociais (Facebook, Instagram, TikTok, WhatsApp, entre outras). Essas mudanças que interferiram também nas relações sociais, com um maior o acesso à informação, são apontados como novos caminhos que podem e precisam repercutir no ensino, porém de forma qualificada conforme apresentado por Hahn e Giovanni (2015, p.432) “sendo necessária a conscientização de que a tecnologia não traz apenas benefícios, pois, quando não mediada adequadamente, surte efeito oposto, gerando consumo de informações instantâneas, sem gerar aprendizagem”.

Tudo isso tem provocado uma mudança na maneira de se pensar o ensino de história e, principalmente, o processo de aprendizagem, questionando sobre como os alunos aprendem. Esta é a questão de impulsiona esta pesquisa. Interessa-nos compreender como os alunos aprendem e o que eles aprendem, considerando as múltiplas formas de interação com o conhecimento histórico, com enfoque nos métodos ativos de aprendizagem e nas relações espaciais do contexto dos estudantes. Mesmo que a tecnologia não seja utilizada diretamente na sala de aula no presente caso, não se pode ignorar seu papel, pois é através dela que os alunos são estimulados a buscar novas informações. Como, então, estimular os alunos na pesquisa?

Esta é uma questão que precisa e que virá a ser refletida. Pois, como já apontado anteriormente, as tecnologias influenciaram o perfil dos estudantes, e o contexto da pandemia influenciou a forma e sua relação com a escola, a mudança geracional é contínua. Temos assim, como explica Prensky, a mudança de uma geração analógica de ‘migrantes digitais’ para uma geração de ‘nativos digitais’ (Prensky, 2001, p. 2).

Portanto, a partir das questões elencadas, cabe algumas reflexões: Como esse perfil de alunos pode apreender melhor? Quais os seus interesses e como podemos aliar a realidade social com um processo de aprendizagem histórica? É possível apreender a partir da metodologia ativa de aprendizagem baseada em projetos (ABP)? Como pensar o processo de ensino e aprendizagem de História? Como e o que os alunos aprendem de História? Como podemos estimular os alunos para a pesquisa e ao debate? Como podem aprender história e compreender os fundamentos de suas argumentações, evitando cair em falsos discursos mal fundamentados por narrativas que percorrem os diferentes canais de informação, tendo como norte, a reflexão e o meio social no qual está inserido.

Frente a esse contexto, reitero o objetivo da presente dissertação, que está em pesquisar como a história de uma rodovia pode ajudar a compreender a História do Paraná, possibilitando ao pensar criticamente sobre esses acontecimentos. A estrada sempre foi de extrema importância para a mobilidade de pessoas, para o transporte das mercadorias, para a cultura e para o sistema econômico. Mas quando uma estrada sintetiza um tempo, uma época, é impossível não deixar de refletir sobre ela, esse é o caso da BR-277. Uma história que se confunde com a História do Paraná.

Frente a esse contexto, é preciso oferecer materiais de qualidade, aliados a estratégias que busquem aproveitar o que existe de melhor em termos de aprendizagem de História, formando jovens com autonomia, de forma colaborativa, a partir de temáticas locais, de modo que reflitam o suficiente para fortalecer os argumentos em relação a ser histórico a relação geopolítica da região e do Brasil, se reconhecendo nas relações de história local, estadual e brasileira e do mundo.

As metodologias ativas foram adotadas pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED), que vem incentivando o uso como um meio para a melhoria no processo do ensino escolar. Entretanto, poucas pesquisas foram realizadas sobre sua eficácia, considerando um processo mais amplo e de realidades socioeducacionais variadas, como é o caso da educação pública no Brasil. Apesar de já adotada, é necessário mais estudos, de modo que se verifique o quanto podemos avançar e em quais aspectos melhorar. Ressaltando como justificativa para a

formulação dessa pesquisa o reduzido número de estudos que tenha por base a metodologia ativa baseada em projetos.

A revisão do “estado da arte” sobre metodologia ativa baseada em projetos, realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, identificou que a maioria das pesquisas está concentrada nas áreas de Engenharia e Medicina, com poucos estudos na área de História.

Dentre essas pesquisas, destacam-se três trabalhos, de maior relevância para essa pesquisa: 1) Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira com o trabalho intitulado *Ensino de geografia através da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)*, defendido em Campina Grande, Paraíba, em 2022, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Cavalcanti trabalha com ABP no ensino de Geografia e sua dissertação tem sido um norte para a construção do meu próprio texto, pois muito se aproxima da temática da presente pesquisa. A autora aborda o uso da ABP no ensino de Geografia e o trabalho foi aplicado durante o período da pandemia de COVID-19, de forma remota. 2) Laízi da Silva Santos com o trabalho intitulado *Aprendizagem Baseada em Projetos: contribuições para formação em psicologia*, defendido em Presidente Prudente (SP), em 2022, na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), analisa as contribuições da ABP no curso de Psicologia e os benefícios desta metodologia para o ensino, como estratégia de ensino para melhorar a qualidade da aprendizagem. 3) Vanderleia Canha com o trabalho intitulado *Educação patrimonial e História local: problematizando histórias na Estrada da Graciosa na província do Paraná (1853-1889)*, defendido em Curitiba (PR), na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2023, pelo programa ProfHistória, buscou tratar sobre História e memória da Estrada da Graciosa, analisando o ensino de História Local e patrimonial, e trouxe como contribuição um material didático e atividades a serem realizadas, demonstrando seus benefícios para a aprendizagem e o engajamento dos estudantes, além de ser inspiração ao destacar fontes históricas a serem analisadas pelos estudantes, sendo um norte para a minha produção.

A pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes sobre a Aprendizagem Baseada em Projetos, ocorreu num período extenso de janeiro de 2022 até o mês de dezembro de 2023. Nela foi utilizado como descritores principais “ABP” e também “BPL”. A partir dos resultados definiu-se como filtro de campo “ciências humanas e educação” com recorte cronológico entre os anos de 2015 até 2023.

O quadro abaixo representa alguns dos resultados quantitativos encontrados como fruto da pesquisa:

Quadro 1: Resultados quantitativos do catálogo da Capes

Ano	Teses/Dissertações ABP
2023	1
2022	1
2021	0
2020	0
2019	2
2018	0
2017	0
2016	1
2015	1

Fonte: autoria própria. (2023)

O baixo índice de pesquisas no campo das ciências humanas revela a defasagem de estudos e, principalmente, a necessidade de intensificar investigações que possam avaliar e adaptar a metodologia ao modelo de ensino na educação básica brasileira. Entre as pesquisas identificadas, destacam-se três que apresentam maior pertinência ao estudo em questão:

A pesquisa de Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira, intitulada “*Ensino de Geografia através da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP): Experiência a partir do Ensino Remoto*”, aborda o uso da ABP como uma alternativa viável para o ensino a distância durante a pandemia de COVID-19. Nesse período, com a suspensão das aulas presenciais, professores e alunos adaptaram-se ao formato remoto. A ABP destacou-se como uma estratégia para estimular o ensino e a aprendizagem de Geografia. A própria autora ressalta que “a aplicação presencial poderá ter melhores resultados” (Ferreira, 2022, p. 106). Este trabalho tem servido de inspiração para repensar o ensino a partir da perspectiva da Aprendizagem Baseada em Projetos.

Devido à utilização da ABP como meio para o desenvolvimento dos estudantes, essa metodologia é empregada como uma ferramenta adicional de ensino e aprendizagem. A autora destaca as dificuldades enfrentadas na realização das atividades durante a pandemia da Covid-19, as quais precisaram ser adaptadas para o ensino remoto. Conforme Ferreira (2022, p. 106), “é perceptível que a aplicação da ABP no ensino presencial atingiria um maior número de alunos, sendo sua recepção considerada mais acessível pela maioria dos discentes”.

Os resultados obtidos com a utilização da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) mostraram-se significativos. Segundo Ferreira (2022, p. 105), “no ensino de Geografia, possibilitou a construção dos conhecimentos geográficos, haja vista que, através desta metodologia, foi possível transformar os conhecimentos prévios em conhecimentos científicos”. Essa abordagem rompeu com o formato tradicional das aulas de Geografia, aproximando os alunos de suas vivências. Além disso, conforme Ferreira (2022, p. 105), a metodologia “gerou autonomia nos alunos, a partir da realização de trabalhos individuais e de investigação, promovendo também a cooperação, mediante a realização de trabalhos em grupo”. Esses elementos são essenciais para o mundo contemporâneo, contribuindo para uma formação mais completa e contextualizada.

Como produto educacional, foi desenvolvido um portfólio online, disponível no link <https://kalinafcf.wixsite.com/my-site>. Nele, estão reunidos os artefatos produzidos ao longo da pesquisa, as atividades desenvolvidas e orientações sobre como os professores podem utilizar esse material em sala de aula. Além disso, a autora realiza uma avaliação do trabalho realizado.

A ABP também aparece como forma de avaliação, auxiliando nessa etapa do processo educativo, conforme descrito na pesquisa de Laízi da Silva de Santos intitulada “Aprendizagem Baseada em Projetos: contribuições para a formação em Psicologia”. A pesquisa avaliou o uso dessa metodologia ativa para uma das disciplinas do curso de psicologia, tendo em vista que a ABP objetiva trabalhar com problemas da vida real dos estudantes. Portanto, trata-se de uma ferramenta que contempla o ensino e a avaliação da disciplina.

Constatou-se que a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) é um modelo que promove benefícios significativos para a aprendizagem dos estudantes. De acordo com Santos (2022, p. 109), “a aprendizagem por meio de projetos e os produtos demonstraram uma aprendizagem construcionista, em que os estudantes experimentam refletir sobre os problemas do seu contexto e que partem de seu interesse”. Dessa forma, esse modelo possibilita a construção de um conhecimento significativo, sendo o docente o responsável por mediar a fundamentação teórica para aproximá-la dos alunos e de suas realidades.

Essa mediação conduz os alunos à resolução de problemas conectados à sua realidade, tornando a aprendizagem mais contextualizada e significativa. Segundo Santos (2022, p. 109), essa abordagem “abriu possibilidades para trabalhar os princípios de interação e continuidade, permitindo experiências verdadeiramente educativas”. A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) foi fundamental para possibilitar esse desenvolvimento, promovendo uma conexão mais profunda entre os conteúdos e as vivências dos estudantes. O uso da ABP traz inovação ao

possibilitar a criação de atividades que se aproximam daquelas que os futuros profissionais encontrarão em sua prática profissional.

O trabalho de Vanderleia Canha (2023), diferentemente dos trabalhos anteriores sobre ABP, trata da história e memória da Estrada da Graciosa, defendido no Mestrado Profissional de História e fonte de inspiração e reflexão. A Estrada da Graciosa é pensada a partir de sua memória e do patrimônio histórico. Segundo Canha (2023, p.15), “a Estrada da Graciosa foi escolhida como fonte patrimonial porque é reconhecida no município de Quatro Barras como marco para ocupação da região” e ainda destaca que “as possibilidades de inter-relacionar a Estrada da Graciosa, à História do Paraná e à História do Brasil também foram um critério para sua escolha, enquanto objeto de estudo” (2023, p. 16). Abrindo espaço a diversas reflexões e possibilidades de se trabalhar o ensino a partir da história de uma estrada.

Este trabalho apresenta uma conexão direta com minha produção, ao relacionar a história da Estrada da Graciosa com a História do Paraná. Essa abordagem tem permitido uma reflexão mais aprofundada sobre a construção e o desenvolvimento do meu próprio trabalho, enriquecendo-o com novas perspectivas e possibilidades.

Como produto educacional, a autora desenvolveu um e-book que apresenta uma narrativa histórica acompanhada de sugestões de atividades educacionais para serem aplicadas nas aulas de História. Essas atividades foram elaboradas com base nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP). Além disso, a autora aborda a história local, complementando-a com a história patrimonial e a trajetória da Estrada da Graciosa, levando em conta sua importância histórica.

Na análise dos trabalhos que envolvem a metodologia ativa de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), foi possível verificar que já existe um número representativo de pesquisas nas áreas das engenharias e da saúde, como o caso do trabalho de Santos (2022), aproximando-se do ensino nas áreas da matemática e das ciências da natureza. Entretanto, na área das ciências humanas, o número ainda é pequeno. Os textos de Ferreira (2022) e Canha (2023) são as principais referências encontradas, e com base neles se busca desenvolver esta pesquisa.

Esses estudos reforçam a importância de utilizar a ABP para conectar os alunos às suas realidades, facilitando o aprendizado e o engajamento. Com base nesses referenciais teóricos e práticos, o próximo capítulo apresentará a proposta de um material didático desenvolvido com essa metodologia, voltado para o ensino de história na educação básica, apresentando como a ABP pode ser aplicada para enriquecer o ensino e a aprendizagem de história.

Assim, considerando as pesquisas realizadas é evidente a necessidade da produção de materiais para ensino de história do Paraná. Diante disso, a proposta da presente pesquisa é

buscar as possibilidades de trabalho utilizando a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos, conhecida pela sigla (ABP) ou do inglês *problem-based learning* (PBL) como alternativa. Moran (2015, p.19) destaca que nas “metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais; os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, de forma antecipada, durante o curso”. Ressaltando a necessidade do estudante ter autonomia no seu processo de aprendizagem.

Segundo Bender (2014, p.15) “a ABP pode ser definida como uma metodologia que faz com que os alunos estudem problemas reais e significativos para eles e façam escolhas para proporem soluções”. Para Bender, a ABP leva o estudante ao trabalho cooperativo e à tomar certas decisões durante a resolução do projeto. Portanto, esta metodologia será empregada neste trabalho com a finalidade de verificar se é possível aprender História a partir da história de uma estrada, a BR 277, por meio do uso da ABP no contexto específico da escola rural estadual Irma Rodrigues da Cruz, em que atuo.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro intitulado “Aprendizagem Baseada em Projetos: Aprender História a partir de uma rodovia” será apresentado uma discussão sobre metodologias ativas e o ensino de história baseada em projetos como referência do trabalho, tendo por base autores como: Morán (2015), Bender (2014), Almeida (2012) e Caimi (2015). A proposta do capítulo é dar suporte ao recurso metodológico para a discussão voltada à História de uma rodovia do Paraná.

No segundo capítulo, será apresentado o material pedagógico sobre a história da BR-277, com enfoque em sua relevância histórica para o estado do Paraná e a região da fronteira platina. O conteúdo foi desenvolvido a partir de uma ampla base de fontes históricas, incluindo referências bibliográficas, livros memorialistas, jornais da época e uma coleção de mapas. Além disso, as atividades propostas foram estruturadas de forma a contextualizar e aprofundar o aprendizado, garantindo uma abordagem significativa.

E no terceiro capítulo, conta o desenvolvimento da pesquisa com o material didático pedagógico produzido, tendo como participantes os alunos do 9º ano do Colégio Estadual Irma Rodrigues da Cruz da cidade de Diamante do Sul, colégio este de Ensino Fundamental II da rede pública do estado. Descrevendo e refletindo sobre a principal indagação da pesquisa, de modo a verificar como eles aprendem história e se uso metodologia Aprendizagem Baseada em Projetos é válida para o ensino de História.

# CAPÍTULO 1

## APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: APRENDER HISTÓRIA A PARTIR DE UMA RODOVIA

### 1.1 Uma proposta de aprendizagem: o caso da História de uma rodovia no Paraná

Com a chegada das tecnologias e a disseminação da internet, a “informação e a comunicação passaram por mudanças significativas, tanto no cotidiano (lazer, interação pessoal) quanto em atividades especializadas de trabalho e pesquisa, incluindo o ensino e a aprendizagem” (Silva, 2007, p. 109). Nota-se cada vez mais que a nova geração de estudantes possui características distintas da geração anterior.

“A nova geração, que se familiarizou com novas tecnologias, está entrando em nosso sistema educacional [...] Essa geração, que chamamos geração Homo zappiens, cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância” (Veen, 2009, p. 12). As palavras de Veen anteviam um contexto de impactado no cotidiano da sociedade e da educação ao possibilitar desenvolver diferentes tarefas em um único aparelho.

O impacto na educação é evidente. O *smartphone* com acesso à internet está na palma da mão, o que permite o acesso a “diferentes universos”, e isso tem afetado o processo educacional e a relação entre estudantes e professores. Conforme apresenta Morán:

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais (Morán, 2015, p. 16).

Ao ampliar as salas de aula e o acesso aos meios digitais, é perceptível ver estudantes carregados de informação, sujeitos ativos no processo de aprendizagem, com acesso ao conhecimento histórico em diferentes plataformas da internet, mídias digitais, filmes e séries, que concorrem diretamente com livros didáticos e as aulas de História segundo Bender (2014, p. 25). Portanto, cabe ao professor ser curador destas informações utilizando estas mídias a seu favor.

Em uma era em que as mídias digitais permitem a comunicação instantânea e há disponibilidade de informações quase ilimitada na internet, os defensores

da ABP sugerem que produzir sentido a partir da grande quantidade virtual de informações caóticas é exatamente o tipo de construção do conhecimento que todo aluno no mundo de hoje precisa dominar. Bender (2014, p. 25)

Nessa relação de excesso de informação, Valente e Almeida (2017, p. 458) destacam a influência das redes na relação entre as mídias digitais e a educação:

A educação que se desenvolve imbricada com a cultura encontra-se pressionada pelas práticas sociais típicas da cultura digital, caracterizadas pela participação em redes sociais virtuais da web, como Facebook, Instagram e Twitter. As redes potencializam a interação independente de hierarquias, a convivência com a abundância de informações disponíveis em distintas fontes — nem sempre confiáveis.

A interação com os estudantes passa pelos meios digitais e não se restringem mais ao espaço escolar. No entanto, a enorme carga de informações disponíveis na rede fragiliza muito os estudantes que advêm de uma realidade distante do que ela realmente é. Esse processo acaba por tornar os professores mediadores de conhecimento. Segundo Valente e Almeida (2017, p. 459), “o estudante não é mais passivo em sua aprendizagem”, mas por outro lado muitos desses conhecimentos estão equivocados ou remetem à condições não correspondentes à veracidade das fontes.

Dessa forma, cabe ao professor ser curador, pois é quem “escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis” que chegam à escola (Morán, 2015, p. 24). O autor relata que o professor é “Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira”, ou seja, acolhe o estudante em sala de aula e lhe ajuda a construir o conhecimento.

Refletindo que os estudantes encontram ilimitadas formas de conhecimento através das tecnologias e muitas vezes não conseguem se identificar com o que estão estudando, ou até mesmo saber se é uma fonte segura ou duvidosa de informação, o professor deve ser este mediador para o conhecimento seguro. É preciso criar e utilizar formas diferentes de ensino com intuito de motivar nossos estudantes em sala de aula e fora dela, pois estes estão a todo o momento sobre forte influência dessas informações. Aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes, ensinando-os a criticidade é uma forma de motivá-los a estudar história.

O Estado do Paraná aprovou a lei estadual Lei nº 13.381/2001, que trata da obrigatoriedade do ensino de História do Paraná no ensino fundamental II, com o objetivo de que os alunos se sintam sujeitos da própria história, como alternativa de aproximação dos estudantes com o conteúdo do ensino. No entanto, a implementação da lei na prática se torno

difícil mediante a carência de materiais didáticos voltados para o ensino de História Local e Regional e a redução das aulas do componente de História no 9º do ensino fundamental II.

Para Caimi (2010, p. 76), “O estudo da história local/regional enseja, assim, o protagonismo dos estudantes na construção ativa e colaborativa de conhecimentos e a apropriação de procedimentos metodológicos específicos que permitam explorar as fontes disponíveis”. Portanto, nesse sentido, trabalhar com a realidade próxima ao cotidiano dos estudantes desperta maior engajamento e interesse pelo estudo das fontes históricas. Este é um dos pilares desta pesquisa, que procura demonstrar maior proximidade entre a história da estrada e sua função na vida da comunidade, utilizando para isso a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que possibilita maior autonomia aos estudantes.

Segundo Bender (2014, p. 23-24): “Na aprendizagem baseada em projetos, os alunos recebem ou desenvolvem uma tarefa desafiadora e complexa, que se parece com tarefas que os adultos podem enfrentar no mundo real”, ou seja, desta forma os estudantes visualizam a função da atividade que está sendo realizada, com isso “A PBL enfatiza, portanto, as atividades realizadas por meio de projetos, cujo enfoque é a construção coletiva do conhecimento interdisciplinar na qual os alunos tornam-se protagonistas, ou seja, aprendem fazendo em cooperação com os colegas”, aproximando o aluno também de sua realidade, neste caso, a estrada.

Considerando a potencialidade da metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) no ensino de História, sua relação com a história da BR-277 apresenta um significativo potencial para aproximar os alunos de sua realidade, promovendo o ensino local e regional. Essa abordagem também permite integrar recursos tecnológicos ao processo educativo, favorecendo uma aprendizagem significativa. A BR-277 está intrinsecamente ligada aos sujeitos desta pesquisa, os alunos, e explorar esse conhecimento prévio contribui para o desenvolvimento de um ensino de História mais contextualizado e de qualidade.

A história da BR-277 se confunde com a história do Paraná, seu traçado que corta o estado de leste a oeste, criando uma ligação entre o porto de Paranaguá e a divisa com o Paraguai e a Argentina na cidade de Foz do Iguaçu, marca sua importância política e econômica, sendo o principal meio de ligação entre esta região e o restante do estado. Estradas sempre foram formas de ligação entre diferentes localidades, meio de passagem de pessoas, como de produtos e uma forma estratégica de defesa da fronteira.

Para Magnoli (1997, p. 272-273), “a ação estratégica de demarcar a fronteira como marco do Estado montando um aparato burocrático e sua configuração geoeconômica”, foi um dos primeiros objetivos da atual-BR 277. Desde o início da abertura, a estrada já era conhecida

como estratégica para formação e constituição da colônia militar de Foz do Iguaçu, ajudando na nacionalização da fronteira.

Roseira (2006, p. 41) afirma que “Aliados aos trabalhadores de abertura de estradas realizada pela comissão Estratégica, várias ações foram tomadas na busca da nacionalização da área”, controlando a entrada de estrangeiros, a presença de invasores, a efetivação do idioma nacional e da moeda nacional corrente. O Estado pouco se fazia presente no espaço da fronteira, sendo invadida por especuladores estrangeiros vindos da Argentina e do Paraguai para extrair erva mate e madeiras da região oeste paranaense.

Segundo Wachowicz (2010, p. 276) como *obrages*, embora em alguns casos, operassem de forma legal, se fazendo presentes no território, frequentemente avançavam muito além dos limites definidos para explorar os recursos naturais, este sistema é “um tipo de exploração que se desenvolveu no Paraguai e na Argentina”, os *obrageros* tinham livre acesso as terras brasileiras e por falta de uma organização militar e uma fiscalização alfandegária adequada, acabavam explorando as riquezas do território brasileiro levando nossos recursos naturais de assalto.

Frente a essa situação, o Estado brasileiro propõe a criação da colônia militar de Foz do Iguaçu e a abertura da estrada que passou a ligar o litoral ao extremo oeste do Paraná, pretendendo acabar com este sistema de exploração ilegal. Com essa percepção “em 20 de outubro de 1892, a Colônia Militar foi oficialmente fundada, cabendo ao Ministro da Guerra zelar pelo sucesso da referida Colônia Militar”, como destaca Myskiw (2009, p. 45). Além disso, Myskiw (2009, p. 45) comenta que “a partir desta data, a Comissão de Estratégica do Paraná passou a ter por obrigação manter abertas e em conservação a picada a rumo a Guarapuava”.

Segundo Wachowicz (1982, p. 24), “a finalidade primordial da fixação de colonos na colônia militar era estimular o povoamento por brasileiros e proporcionar a produção de gêneros alimentícios”. Esse era o objetivo inicial da colônia, porém diversos fatores desenvolvidos para sua extinção. Entre eles, destaca-se o isolamento em relação ao restante do estado, a demora na coleta de recursos provenientes da capital, Curitiba, e da cidade mais próxima, Guarapuava, além da insuficiência da produção local para garantir a autossuficiência.

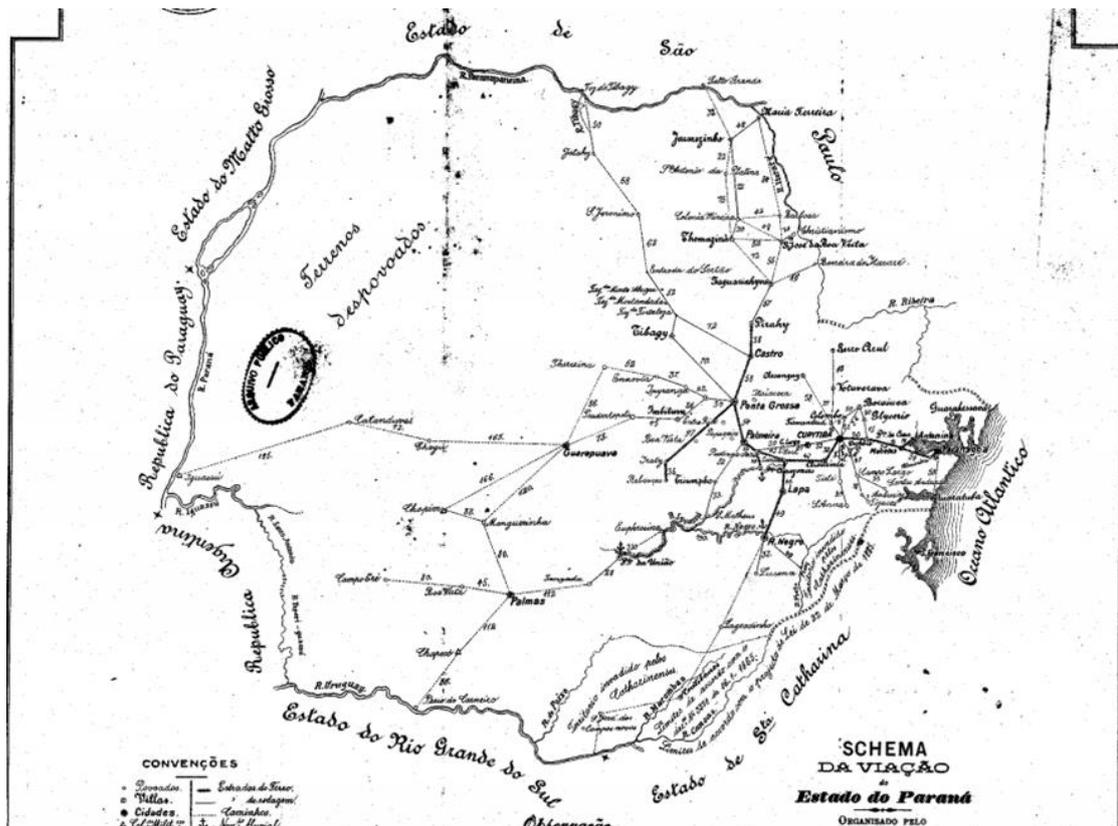
Dessa forma, os administradores passaram a depender de negociações com comerciantes estrangeiros. Conforme Myskiw (2009, p. 147), “os comerciantes argentinos e paraguaios viam na colônia militar de Foz do Iguaçu um alvo certo para obter lucros”, uma vez que praticavam preços abusivos em seus produtos. Esse cenário representou um obstáculo significativo para o desenvolvimento econômico da colônia, contribuindo para seu declínio.

Sua extinção, conforme Wachowicz (1982, p. 25), ocorreu em 1912, quando "o Ministério da Guerra extinguiu-a, entregando-a à administração do Estado do Paraná", devido ao fato de não ter alcançado um de seus principais objetivos: o controle alfandegário da região de fronteira. Com isso, a colônia foi reclassificada como Vila Iguaçu, passando a ser subordinada ao distrito de Guarapuava, que assumiu a função de sede administrativa. A ausência do Estado, percebida desde o início da ocupação, não foi devidamente suprida, contribuindo para a inviabilidade do projeto. Essa condição vinha do período anterior da abertura da picada.

Durante a ausência da “mão” do Estado Brasileiro a região ficou a mercê de estrangeiros que atravessavam nossas fronteiras como referido anteriormente, e um encontro inesperado ocorreu, “durante a abertura da picada em direção oeste, foram encontrados grupos de trabalhadores que exploravam a erva-mate. Eram índios paraguaios a serviço de ervateiros argentinos que predavam as riquezas brasileiras. Esse encontro se deu na região atual de Céu Azul” (Wachowicz, 2010, p. 275), município que está a 90 quilômetros de distância de Foz do Iguaçu.

Ao observar o mapa a seguir, percebe-se a escassez de conexões em direção ao oeste. Partindo de Guarapuava, não havia outras cidades próximas, o que dificultava significativamente a integração da região com o restante do estado.

Figura 2: Mapa do Estado do Paraná em 1901.



Fonte: Relatório da Secretaria dos Negócios e Obras Públicas do Estado do Paraná, 1901.

Freitag (2007, p. 73), afirma que “existem grandes lacunas destacando a existência de extensões desprovidas de caminhos, estradas de rodagens, ou estradas de ferro”, povos originários habitavam a região as etnias Kaingang e Guarani Segundo Mota (1994, p. 151), os povos indígenas resistiram à invasão de seus territórios, o que levou o governo imperial a adotar novas estratégias de ocupação. Conforme Mota (2023, p. 2):

O governo do Império implementava outra estratégia de ocupação dos territórios indígenas com a abertura de estradas. No caso dos Nerinhé – Campos das Laranjeiras – era a estrada traçada para ir de Guarapuava em direção ao oeste, até as barrancas do Rio Paraná, nas proximidades da confluência com o Rio Iguazu. Essa estrada devassaria ao meio os territórios Kaingang.

A abertura dessa estrada ocorreu apenas no início do século XX. Nesse mesmo período, destaca-se também a criação da reserva indígena Rio das Cobras, localizada na região de Chagu, onde atualmente se encontra o município de Nova Laranjeira. A região, além de enfrentar a especulação de suas terras, inicialmente promovida pelo governo imperial e, posteriormente, pelo governo estadual, também sofria com a vulnerabilidade decorrente da entrada de estrangeiros pela fragilizada fronteira latina. Essa situação expunha as riquezas naturais da área à exploração e especulação por parte de interesses estrangeiros.

As riquezas naturais, como a erva-mate e a madeira, eram exploradas por um proprietário conhecido, segundo Wachowicz (2010, p. 276), como “Obragero”. No final do século passado, esse tipo de latifúndio era típico no Paraguai e nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones. O obragero argentino explorava a erva-mate e a madeira em toras. Essa exploração na região de fronteira ocorreu no final do século XIX e início do século XX.

Os produtos desse contrabando eram destinados à Argentina, e a extração já existia, a partir de 1881, nas margens do rio Paraná, Foz de Iguaçu (Wachowicz, 2010, p. 277). Antes da fundação da colônia militar neste município, o autor prossegue, “como o oeste paranaense não tinha presença brasileira nem fiscalização, o sistema das obras se desenvolveu na região”. Esses produtos naturais eram levados para a Argentina em barcos a vapor pelo rio Paraná. Esse processo predatório terminou apenas por volta da Revolução Federalista, que atingiu a região e levou ao fim da exploração estrangeira, embora as trocas de produtos com a região tenham sido intensas. O comércio com a Argentina sempre esteve presente na fronteira guarani devido ao afastamento do restante do estado.

De acordo com Wachowicz (2010, p. 276), “todas as mercadorias consumidas em Foz do Iguaçu vinham da Argentina: alimentação, móveis, bebidas etc.” o que demonstrava uma fragilidade econômica, devido à conexão precária com o restante do território nacional, dificultando a compra de produtos nacionais. A moeda de maior circulação na região, segundo Wachowicz (2010, p. 285), “era o peso argentino. O mil-réis era praticamente desconhecido. A própria prefeitura, o correio e a receita federal cobravam taxas e impostos em moeda argentina”, o autor ainda descreve que “na década de 1920, a partir de Catanduvas para oeste, a língua dominante era o espanhol. Nas casas de comércio só se falava nessa língua” (2010, p. 285), a região, portanto, estava isolado do restante do Estado paranaense. Essa situação acabou levando o Governo de Getúlio Vargas implementa a política da “marcha para oeste”, como veremos adiante.

Após a construção da estrada que chegava a Foz do Iguaçu, a sua manutenção era difícil devido à mata nas margens. Os locais com umidade se transformavam em lama, e a travessia dos rios era apenas por vau, pois não havia pontes (o ponto mais raso do rio permitia a passagem de pessoas e animais). Em períodos de chuva, era necessário montar acampamento e esperar o nível do rio baixar para atravessar. Todos esses fatores dificultavam o comércio de Foz do Iguaçu com o restante do estado. De acordo com Wachowicz, “em dezembro de 1919, o senhor Miguel Mate iniciou o tráfego entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, fazendo o percurso de automóvel, o que, segundo ele, levou 72 horas” (1982, p. 31). Vale ressaltar que a estrada não foi projetada para o tráfego de automóveis, mas sim para carroças.

Durante a Revolta Federalista, a região de fronteira ficou à mercê desse grupo, demonstrando como estava desprotegida e em estado de abandono pelo poder público. Segundo Priori (2012, p. 64):

Uma das primeiras denúncias dessa situação que ganhou notoriedade nacional ocorreu durante as rebeliões tenentistas de 1924, comandadas por Isidoro Dias Lopes. Ele saiu de São Paulo para refugiar-se em Foz do Iguaçu, revelando ao país da época a clara situação de abandono em que se encontrava a região, bem como a exploração econômica que a Argentina vinha estabelecendo sobre o Brasil, mantendo trabalhadores em regime de semiescravidão, em grandes latifúndios de exploração de erva-mate.

Essa exploração dos recursos naturais mencionada era o sistema de *obrage*, que ainda estava vigente na região, pois a colônia militar não conseguiu coibir totalmente esse sistema. A região possuía ainda mais peculiaridades, como destaca Priori (2012, p. 64):

O que mais chamou a atenção da Coluna Paulista (depois Coluna Prestes) era a desnacionalização da região do Oeste Paranaense: as línguas correntes eram o guarani e o espanhol, o dinheiro circulante era o peso argentino e atividades, como a navegação do rio Paraná e a exploração da madeira e do mate, eram todas controladas por argentinos.

Neste período, a ação predatória estrangeira chegou ao fim com a intervenção do exército e dos federalistas na região. Com a chegada do novo presidente gaúcho, Getúlio Vargas, a atenção voltou-se novamente para a fronteira.

Durante a chamada Era Vargas, mais especificamente durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945), foi implementado o programa “Marcha para o Oeste”, que incentivava a colonização dessa região. Nesse momento, o Estado não considerava os povos originários da região, os Guaranis e os Kaingangs, a população local. Segundo Priori (2012, p. 65), “defendia-se a ocupação efetiva e a nacionalização das fronteiras nacionais brasileiras de Norte a Sul do país. O projeto da Marcha, segundo seus idealizadores, buscava despertar, no povo que vivia na fronteira, o sentimento de nacionalidade e brasilidade”. Incentivando-se, nesse momento, a chegada de imigrantes, principalmente de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

A instalação do território ocorreu através do “Decreto-Lei nº 5812, de 13 de setembro de 1943, que foi o mecanismo legal responsável por desmembrar o Paraná e Santa Catarina para dar origem ao Iguaçu” (Priori, 2012, p. 60). O interventor do estado nomeado por Getúlio Vargas era Manoel Ribas, sendo o primeiro governador do território do Iguaçu João Garcez do Nascimento, e o segundo e último governador foi o Coronel Frederico Trotta.



Fonte: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Coletanea-de-Mapas-Historicos-do-Parana> (1944)

O mapa mostra o território perdido pelo estado do Paraná com a implementação do território do Iguazu, uma longa faixa a oeste. Esse desmembramento foi recebido com críticas pela “classe política de Santa Catarina e a do Paraná, em sua maioria, eram contra o projeto de Vargas” (Priori, 2012, p. 67), que retirava parte do território de Santa Catarina. A capital ficou localizada onde hoje é o município de Laranjeiras do Sul, conhecido na época como Iguazu.

A vida do território do Iguazu foi curta, pois logo após Getúlio Vargas renunciar ao cargo de presidente, dando fim ao Estado Novo, o território do Iguazu foi extinto e seu território novamente incorporado aos estados de origem, Santa Catarina e Paraná. Em meio a essas mudanças, a estrada continuou sendo um centro estratégico para chegar à fronteira guarani. Posteriormente, a construção da estrada carroçável evoluiu para a construção da então BR-35, que foi concluída na década de 1950, ligando os extremos do estado, neste período chega à presidência do Brasil presidente que incentivaria a infraestrutura do Brasil.

Juscelino Kubitschek assumiu a presidência do Brasil com o slogan “50 anos em 5”. Além da construção de Brasília, capital federal, seu governo foi marcado por um forte investimento em transporte. Segundo Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2018, p. 416), “o governo previa alocar investimentos para o setor de transporte, em especial o rodoviário, e incentivar a indústria automobilística”. O governo incentivava a indústria automotiva, que por sua vez, precisava de estradas para esses veículos trafegarem, o que levou, de acordo com Schwarcz (2018, p. 416), “à expansão da malha rodoviária” e à modernização das estradas brasileiras, que em sua maioria não eram pavimentadas. A estrada do Iguazu, agora

pavimentada, foi entregue neste período com um novo nome: BR-35 ganhando nova nomenclatura.

A história da BR-277 mostra como as rodovias brasileiras evoluíram não apenas fisicamente, mas também em termos de nomenclatura e organização. A BR-277 já foi chamada de BR-35. No passado, era conhecida como Estrada Estratégica Velha e Estrada do Iguaçu, popularmente também chamada de Grande Estrada. O nome Estrada Estratégica Velha pode ter vindo da comissão estratégica que foi responsável por abrir a picada e a estrada, além da fundação da colônia militar de Foz do Iguaçu. Por fim, recebeu o nome de BR-35. Com a política de Estado para padronizar a malha rodoviária nacional, entre os anos de 1964 e 1973, a numeração da rodovia mudou de BR-35 para BR-277. Essa mudança aconteceu porque se tratava de uma estrada transversal que corta o estado de leste a oeste, recebendo a sigla BR por ser uma rodovia federal. O número inicial 2 indica sua localização na região sul do país, abaixo da capital federal, Brasília, e os números de 50 a 99 são atribuídos de acordo com a posição em relação à capital federal. Assim, a rodovia foi nomeada como a conhecemos hoje: BR-277.

Houve uma transição econômica na região da fronteira guarani nesse momento, com uma ligação rodoviária que chegava ao porto de Paranaguá, cortando o estado de leste a oeste. A região deixou de ter a indústria extrativista como principal pilar econômico, surgindo um novo ramo financeiro: a produção de cereais (milho, soja, etc.). A estrada tornou-se um elemento central para o escoamento dos grãos até o porto de Paranaguá, conduzindo a safra do oeste paranaense e a produção econômica do restante do estado, funcionando como uma artéria econômica. A BR-277 também ligava o Paraguai, permitindo que sua produção agrícola chegasse ao porto. Essa mudança ocorreu principalmente após a abertura geopolítica da região de fronteira. Segundo Roseira (2006, p. 60), “a rodovia BR-277 é parte da chamada Rodovia do Atlântico, que faz a ligação entre Assunção e o porto brasileiro”. Desta forma, o escoamento da safra paraguaia chegava ao oceano Atlântico, possibilitado por uma ponte.

Com a construção da Ponte da Amizade, ligando Brasil e Paraguai, ocorreram mudanças na geopolítica local. Sua construção está atrelada ao período de breve democracia no Brasil, durante o governo de Juscelino Kubitschek e do presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner. A ponte permitiu a ligação terrestre entre os dois países e o escoamento da produção agrícola do Paraguai pelo porto de Paranaguá, via BR-277. Sua inauguração ocorreu durante o período militar brasileiro, em 27 de março de 1965, pelos presidentes Humberto de Alencar Castelo Branco (Brasil) e Alfredo Stroessner (Paraguai). Vale lembrar que o tratado de construção da ponte foi assinado em maio de 1956 pelos presidentes mencionados anteriormente. Roseira (2006, p. 61) destaca que “o porto de Paranaguá, a BR-277 e a Ponte da Amizade foram os

principais elementos na estruturação viária do oeste do Paraná”, além da construção da hidrelétrica binacional de Itaipu.

Em 1973 Brasil e Paraguai assinaram o Tratado de Itaipu:

Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai para o Aproveitamento Hidrelétrico dos Recursos Hídricos do Rio Paraná, pertencentes em Condomínio aos dois Países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guaíra até a Foz do Rio Iguaçu. O Presidente da República Federativa do Brasil, General-de-Exército Emílio Garrastazu Médici, e o Presidente da República do Paraguai, General-de-Exército Alfredo Stroessner; Considerando o espírito de cordialidade existente entre os dois países e os laços de fraternal amizade que os unem;  
O interesse comum em realizar o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná, pertencentes em Condomínio aos dois Países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guaíra até a Foz do Rio Iguaçu; (BRASIL, 1973, p.1).

Podemos observar que acordo entre os países possibilitou a construção da hidrelétrica como possibilitou a exploração dos recursos naturais. Este acordo foi realizado durante o governo militar, que teve início em 1964 e término em 1985. O governador paranaense neste período era Pedro Viriato Parigot de Souza, aliado do partido ARENA. É possível observar neste fragmento, a intenção entre os dois países de explorarem os recursos naturais do rio. Depois de pronta, já no final do período militar brasileiro, em 1984, a hidrelétrica começou a gerar energia. A ligação pela BR-277 foi essencial para o deslocamento de pessoal e material para os trabalhos na hidrelétrica, essa dinâmica do aumento do fluxo na estrada levou a uma nova fase, a qual podemos chamar de concessão a iniciativa privada, conforme apresentada no mapa.



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/auditorias-pedagio-parana-fim-contratos-der/> (2020)

A rodovia foi cedida à iniciativa privada em 1997, durante o governo de Jaime Lerner, como exposto no mapa anterior, podemos localizar as concessionárias responsáveis pelos trechos privatizados. Sendo o trecho em verde, o objeto de estudo deste trabalho, entre Foz do Iguaçu e Guarapuava, a rodovia foi concedida à empresa Ecocataratas<sup>5</sup>. O período de concessão terminou em 2021, e agora, em 2024, o lote foi leiloada sendo a única concorrente a empresa EPR<sup>6</sup>, desta forma vencendo o leilão.

A seguir, no mapa abaixo, podemos observar a região compreendida no lote 6.

Figura 5: Lotes da nova concessão de rodovias



Fonte: <https://www.agepar.pr.gov.br/Noticia/Entenda-como-vai-funcionar-o-novo-modelo-de-concessao-de-rodovias-no-Parana> (2021)

Essa rodovia, cuja trajetória é marcada por transformações e desafios, constitui uma oportunidade valiosa para o ensino de história ao possibilitar a conexão dos estudantes com sua realidade local e regional. Compreender seu papel no desenvolvimento da região e explorar suas narrativas permitem transformar a sala de aula em um espaço de investigação crítica, promovendo a valorização do patrimônio histórico. Além disso, possibilita a construção de materiais que enriqueçam as práticas pedagógicas, incentivando novas formas de ensinar e aprender história.

<sup>5</sup> <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/11/27/parana-desativa-14-pracas-de-pedagio-e-libera-cancelas-apos-fim-de-contratos-de-concessao.ghtml>

<sup>6</sup> <https://g1.globo.com/pr/parana/economia/noticia/2024/12/19/leilao-lote-6-pedagio-pr.ghtml>

## 1.2 Metodologias Ativas: aprendizagem Baseada em Projetos

A maior parte da literatura brasileira trata as metodologias ativas como estratégias pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, contrastando com a abordagem pedagógica do ensino tradicional, centrada no professor, que transmite informação aos alunos. O fato de elas serem caracterizadas como ativas está relacionado com a aplicação de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades práticas, nas quais eles são protagonistas da sua aprendizagem (Valente; Almeida; Bianconcini, 2017, p. 463).

Considerando os autores mencionados, a centralidade do aluno no processo de ensino pode ser alcançada por meio de metodologias digitais, que oferecem uma possibilidade de engajamento efetivo no aprendizado. No entanto, é essencial compreender o papel dessas tecnologias. De acordo com Caimi e Nicola (2015, p. 63), “não se trata de adotar posições ou tomar atitudes radicais, seja no endeuçamento das novas ferramentas digitais”. O uso de meios digitais, sem um planejamento adequado e sem reflexão, não garante a efetividade do ensino. As autoras ainda ressaltam que as tecnologias, por si só, não irão “resolver todas as mazelas escolares, seja na sua demonização, como se fossem uma ameaça à estabilidade dos sistemas educativos”.

Portanto, em vez de serem vistas como uma ameaça, as tecnologias devem ser incorporadas de forma crítica, promovendo reflexões sobre sua aplicação em sala de aula e sua real potencialidade no ensino. Essa abordagem crítica fundamentará o uso de metodologias ativas, amplamente incentivadas pelo estado do Paraná, com o objetivo de maximizar os benefícios dessas ferramentas no processo educativo.

As metodologias ativas foram adotadas como uma possibilidade para melhoria da qualidade da educação pública do estado do Paraná. A Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED) oferta aos professores, através dos cursos de “formadores em ação”<sup>7</sup> possibilidades de formação continuada, como uma forma de ampliar a qualidade da educação do Estado. Assim, buscando unir vieses e qualificar propostas com o uso dessas metodologias,

---

<sup>7</sup> [https://www.educacao.pr.gov.br/formadores\\_acao](https://www.educacao.pr.gov.br/formadores_acao) O curso Formadores em Ação, promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), é uma iniciativa de formação continuada destinada aos profissionais da educação da rede pública estadual. Ele tem como objetivo principal capacitar professores, pedagogos e gestores escolares para aprimorar as práticas pedagógicas e alinhar as ações educacionais às políticas e diretrizes curriculares do estado. A formação ocorre por meio de encontros periódicos de forma online pela plataforma google meet, em grupos de estudo, oficinas, estudos teóricos e atividades práticas, que abordam temas como metodologias ativas, interdisciplinaridade, avaliação formativa e o uso de tecnologias na educação.

este trabalho tem o objetivo de analisar uma delas: a chamada aprendizagem baseada em projetos.

Também conhecida pela sigla em inglês *Problem-Based Learning* (PBL), essa metodologia tem como fundamento a resolução de problemas, propostos nos componentes curriculares, ou como parte de mais de um deles, podendo estar relacionados, sendo assim interdisciplinar ou transdisciplinar. Segundo Bender (2014, p. 15), um dos principais teóricos dessa metodologia, "a ABP pode ser definida como uma metodologia que faz com que os alunos estudem problemas reais e significativos para eles e façam escolhas para proporem soluções", aproximando o estudante de sua realidade cotidiana.

Essa metodologia ativa é definida por Bender (2014, p. 16) como "a utilização de projetos autênticos e realistas, baseados em uma questão, tarefa ou problema altamente motivador e envolvente, para ensinar conteúdos acadêmicos aos alunos no contexto do trabalho cooperativo para a resolução de problemas". Dessa forma, os estudantes tornam-se mais autônomos, desenvolvendo protagonismo em sua aprendizagem. A metodologia tem grande aplicação nas áreas de medicina e engenharias, como evidenciado pelo número de projetos de teses e dissertações defendidos nessas áreas.

Conforme descrito no site do *Buck Institute for Education* (BIE), PBL é definida como um método de ensino pelo qual os alunos adquirem conhecimentos e habilidades a partir de um determinado tempo de investigação na busca por respostas para as questões formuladas, desafios e problemas. Incluindo também como elementos essenciais segundo o site:

- a) **habilidades essenciais de conhecimento, compreensão e sucesso:** o projeto é focado em objetivos de aprendizagem do aluno, incluindo conteúdos e habilidades padrões, como pensamento crítico, solução de problemas, colaboração e autogestão;
- b) **problema ou pergunta desafiadora:** o projeto é enquadrado por um problema significativo a ser resolvido ou uma pergunta a ser respondida, no nível apropriado de desafio;
- c) **investigação sustentável:** os alunos se envolvem em um processo rigoroso e longo de fazer perguntas, buscar recursos e aplicar informações;
- d) **autenticidade:** o projeto apresenta contexto, tarefas e ferramentas, padrões de qualidade ou impacto reais — ou atende às preocupações, aos interesses e a questões pessoais dos alunos em suas vidas;
- e) **voz e escolha dos alunos:** os alunos tomam algumas decisões sobre os projetos, incluindo como funcionam e o que eles criam;
- f) **reflexão:** os alunos e os professores refletem sobre a aprendizagem, a eficácia de suas atividades de investigação e seus projetos, a qualidade do trabalho dos alunos, obstáculos e como superá-los;
- g) **crítica e revisão:** os alunos dão, recebem e usam feedback para melhorar seus processos e produtos;

h) **produto público:** os alunos tornam público os resultados de seus projetos, explicando, exibindo e/ou apresentando-os a pessoas de fora da sala de aula. Disponível em: <https://www.pblworks.org/bie-is-now-pblworks>, acesso em 09 jan. 2025)

No site do *Buck Institute for Education (BIE)* citado anteriormente, que é referência para professores de todo o mundo, é possível encontrar exemplos de projetos nas diferentes áreas e procurando sanar dúvidas frequentes de como utilizar a ABP.

A ABP busca projetos coletivos, mas foca na autonomia do estudante em decisões dentro do trabalho. Ou seja, o professor é um mediador ou um curador do conhecimento que aluno está tendo contato, sendo o docente quem faz a seleção do conhecimento e direcionamento ao estudante. Esta é uma possibilidade de ensino no contexto do desafiador mundo da internet e das redes sociais em que vivemos, em que os professores disputam atenção dos estudantes com as mídias digitais.

A Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED) vem incentivando o uso de metodologias ativas como uma possível forma de combater a falta de interesse, proporcionando o desenvolvimento de uma educação de maior qualidade dos estudantes. A ABP é apresentada como uma possibilidade de cativar estes estudantes, que já sendo nativos digitais, possuem maior atenção às atividades multissensoriais e ativas. Para Prensky (2001, p.2), os nativos digitais “passaram suas vidas inteiras usando computadores, videogames, tocadores de música digital, câmeras de vídeo, telefones celulares e vários outros brinquedos e ferramentas da era digital”. A sedução das redes sociais e dos *smartphones* que lhes possibilita uma janela para o infinito das possibilidades da internet, facilmente tira a concentração dos alunos.

Estudantes de hoje representam a primeira geração que cresceu com as novas tecnologias. Eles passaram suas vidas inteiras cercadas por e usando computadores, videogames, tocadores de música digital, câmeras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (Bortolazzo, 2021, p. 50).

Intrinsicamente ligada a tecnologia. A ABP se mostra como uma das possibilidades de resgatar o desejo pelo conhecimento, agregando as possibilidades tecnológicas ofertadas na escola pública. Já que tem o objetivo de criar condições de aprendizagem que busca desenvolver a autonomia dos estudantes, o protagonismo deles. Nesse contexto, os professores se tornam mediadores ou facilitadores do conhecimento.

Segundo Morán (2015, p. 24), que é um dos principais autores e defensores das metodologias ativas na educação brasileira:

O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno.

Nesse contexto, o professor deixa de ser o protagonista da sala de aula, cedendo espaço ao estudante, que se torna o elemento ativo em seu desenvolvimento educacional. Porém, mesmo com o papel do professor passando a ser o de curador ou facilitador da aprendizagem, ele permanece como sujeito importante na sala de aula, pois é aquele que formula e orienta o processo de aprendizagem dos estudantes.

O estudante aprende de diferentes maneiras, e suas ações e decisões influenciam o resultado final de sua aprendizagem. Como sujeito ativo, o estudante precisa interagir com os colegas para alcançar o resultado esperado. Enquanto isso, o(a) professor(a) atua como facilitador(a) do conhecimento, ajudando a direcionar os estudantes para atingir os objetivos desejados. A Aprendizagem Baseada em Projetos incentiva esses estudantes a buscarem soluções para problemas específicos, visando o sucesso na aprendizagem. Segundo Morán (2015, p. 38):

É uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que também tenha ligação com sua vida fora da sala de aula. No processo, eles lidam com questões interdisciplinares, tomam decisões e agem sozinhos e em equipe. Por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico, criativo e a percepção de que existem várias maneiras para a realização de uma tarefa, tidas como competências necessárias para o século XXI. Os alunos são avaliados de acordo com o desempenho durante e na entrega dos projetos.

Essas aprendizagens e vivências levam os estudantes a desenvolverem conhecimentos diversos e uma aprendizagem ativa, com autonomia, de modo que reflita sobre e tenha argumentos para debater assuntos da esfera local, regional, nacional e internacional.

Cabe ainda ressaltar a diferença entre as metodologias ativas: Aprendizagem Baseada em Projetos e Aprendizagem Baseada em Problemas, para não ocorrer confusão, pois ambas são diferentes, como descreve a autora Ferreira (2022, p. 29), que distingue ambas da seguinte forma:

Uma coisa que deve ficar clara é a diferença entre a ABP e a Aprendizagem Baseada em Problemas – PBL - Problem Based Learning. Ambas são metodologias ativas, têm o aluno como centro do processo de aprendizagem e têm como uma das características a busca da resolução de um problema.

Porém, a ABP tem como foco, o desenvolvimento de um projeto, e consequentemente, a produção de um produto (artefato); já a outra tem como objetivo central a busca da resolução de um problema e não é necessário a produção de um artefato.

O trabalho em questão tem como objetivo o uso Aprendizagem Baseada em Projetos, que se diferencia da Aprendizagem Baseada em Problemas por ter como foco a execução de um projeto que produza uma experiência e um aprendizado mais prático e contextualizado para os estudantes, trabalhando no ensino de História, o desenvolvimento de conhecimentos históricos e sua autonomia educacional.

Entre as características da ABP, Bender (2014, p. 32) elenca diversas questões, conforme apresentado abaixo:

**Âncora:** introdução e informações básicas para preparar o terreno e gerar o interesse dos alunos.

**Trabalho em equipe cooperativo:** É crucial para as experiências de ABP, enfatizado por todos os proponentes da ABP como forma de tornar as experiências de aprendizagem mais autênticas.

**Questão motriz:** Deve chamar a atenção dos alunos, bem como focar seus esforços.

**Feedback e revisão:** A assistência estruturada deve ser rotineiramente proporcionada pelo professor ou no interior do processo de ensino cooperativo. O *feedback* pode ser baseado nas avaliações do professor ou dos colegas.

**Investigação e inovação:** Dentro da questão motriz abrangente, o grupo precisará gerar questões adicionais focadas mais especificamente nas tarefas do projeto.

**Oportunidades e reflexão:** Criar oportunidades para a reflexão dos alunos dentro de vários projetos é o aspecto enfatizado por todos os proponentes da ABP.

**Processo de investigação:** Pode-se usar diretrizes para a conclusão do projeto e geração de artefatos para estruturar o projeto. O grupo também pode desenvolver linhas de tempo e metas específicas para a conclusão de aspectos do projeto.

**Resultados apresentados publicamente:** Os projetos de ABP pretendem ser exemplos autênticos dos tipos de problemas que os alunos enfrentam no mundo real, de modo que algum tipo de apresentação pública dos projetos é fundamental dentro da ABP.

**Voz e escolha do aluno:** Os alunos devem ter voz em relação a alguns aspectos de como o projeto pode ser realizado, além de serem encorajados a fazer escolhas ao longo de sua execução.

Assim, conforme destacado, observa-se que o estudante se torna ativo na sua aprendizagem, enquanto a função do professor não é diminuída, mas sim direcionada para conduzir o estudante à autonomia. Com o advento da era digital, onde “os alunos nas salas de aula atuais vivem em um mundo inteiramente diferente de apenas cinco ou 10 anos atrás, um mundo digital de comunicação instantânea e incrível domínio de conteúdo factual, o que muitas vezes resulta em sobrecarga de informação” (Bender, 2014, p. 27), essa metodologia tem como função apoiar tanto o professor quanto os estudantes no desenvolvimento educacional e num ensino de história de efeito e responsabilidade.

## **CAPÍTULO 02**

### **A BR 277 E A HISTÓRIA DO PARARÁ: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PEDAGÓGICO**

#### **2.1 A proposta do material didático pedagógico**

Este texto tem como objetivo apresentar o processo de produção de um material didático pedagógico para o ensino de História, a ser desenvolvido em sala de aula. A proposta de criação do material: “A BR277 e a História do Paraná”, parte das inquietações educacionais, e das referências já evidenciadas nesse texto, o qual baseado no emprego de metodologias ativas, com a Aprendizagem Baseada em Projetos, seja possível verificar a aprendizagem dos estudantes sobre aspectos da História do Paraná, levando em consideração a lei nº 13.381/01 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História do Paraná em escolas públicas estaduais.

O material busca contribuir para o ensino de História do Paraná nas escolas sendo um apoio para professores, o conteúdo conversa com a proposta da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e do CREP (Currículo da Rede Estadual do Paraná), pensado principalmente no contexto do 9º ano, frente à dificuldade de um trabalho eficiente, relacionando ao pouco tempo de aulas destinadas a essa seriação.

Pensando nesse cenário de duas aulas semanais e todo o conteúdo proposto a essa série, o qual se destaca também o trabalho com a História do Paraná, o material visa possibilitar uma

autonomia dos professores frente a toda pressão e cobrança pelo atendimento dos conteúdos e dos resultados quantitativos das avaliações externas, como a atual prova Paraná, realizada trimestralmente.

Segundo De Mello (2021, p. 39) “O risco é os professores deixarem de ensinar e passarem a treinar seus alunos para as provas”, chegando ao momento em que vamos ensinar nossos estudantes pensando apenas em avaliações externas, ensinando a resolução de questão para se ter êxito nestas avaliações.

O vestibular ilustra há tempos este tipo de distorção, de tal maneira que o currículo ensinado pelos professores em sala de aula, passa a ser o currículo avaliado nos exames. As aulas reproduzem a seleção dos conteúdos dos programas dos exames vestibulares, os exercícios são aqueles das provas do vestibular. A sala de aula torna-se um espaço de simulação de exames. De Mello (2021, p. 39)

Desta forma, o foco não deve ser a resolução de questões, o ensino crítico do conteúdo deve ser preservado e incentivado. Saliento assim, que a produção desse material buscou se aproximar destes preceitos incumbidos nas avaliações externas, sem deixar de preservar a autonomia e organização dos professores em sala de aula.

## **2.2 O público alvo e a escola**

O local em que foi desenvolvido essa proposta foi o Colégio Estadual do Campo Irma Rodrigues da Cruz, estabelecimento de Ensino Médio e Fundamental, localizado no interior do município de Diamante do Sul, a 10 quilômetros da sede do município, na comunidade de Pinhalito, na região Oeste do Paraná.

Figura: 6: faixa do Colégio Estadual do Campo Irma Rodrigues da Cruz



Fonte: Dados da pesquisa.

Por ser um colégio rural, apresenta alto índice de rotatividade de estudantes, devido ao fato de que seus responsáveis legais, em muitos casos, trabalham em grandes latifúndios agropecuários e agrícolas, estando em constante movimento entre essas fazendas, pelas dificuldades logísticas e/ou por motivos financeiros, em busca de melhorias salariais. Os outros alunos da escola, são filhos de pequenos produtores rurais, acabam tendo uma ligação direta com as chácaras, pois ajudam nas tarefas da propriedade, com a grande maioria trabalhando na sericultura (popularmente conhecida como bicho-da-seda) e, em outros casos, como pequenos produtores de leite.

Essa alta rotatividade acaba por quebrar o ritmo de acompanhamento do aprendizado, gerando a necessidade de mudanças e adaptações também por parte dos estudantes que permanecem na escola. Sendo sentida na familiaridade com a sequência de conteúdo, que pode precisar de revisões para integrar os novos colegas com diferentes níveis de conhecimento, e até mesmo a instabilidade da turma, o que pode afetar as relações sociais entre os alunos, cabendo muitas vezes estratégias do professor para promover a inclusão.

O ensino em escolas com esse perfil possuem algumas especificidades que devem ser levadas em consideração, muito diferentes da realidade das cidades-polo, por contar com um número reduzido de famílias na zona rural, as salas com poucos estudantes geram um debate anual: por um lado, têm-se a vantagem de poucos alunos, o que facilita um ensino mais humanizado; por outro lado, há uma insegurança, pois todos os anos ocorre a ameaça de transformar a escola em multisseriada ou multianos, como descreve Ritter (2020, p. 296) a “organização do tempo escolar, propõe para fins de registro e matrícula, quatro anos, mas

organizados em duas turmas” juntando as turmas do Ensino Fundamental II (6º e 7º ano conhecida como fase I, e 8º e 9º ano fase II), reduzindo-as pela metade, as turmas.

Em virtude da especificidade da escola e do local de moradia dos estudantes, todos eles moram na zona rural, e desta forma dependem do transporte público para chegar a escola, residindo em diferentes distâncias do colégio. Na turma do 9º ano, eles são atendidos no período matutino. Para isso, alguns estudantes precisam estar em seu ponto de lotação pública por volta das cinco horas da manhã (05:00) por ser uma distância longa até o colégio, assim como tem aqueles estudantes que precisam estar em seu ponto de lotação a partir das sete horas da manhã (07:00) por ser uma distância reativamente curta ao seu destino final.

Vale ressaltar que a aula neste estabelecimento começa às sete e vinte cinco da manhã (07:25), e que podemos observar nesse transposto que a distância e a condição da estrada podem refletir no desempenho educacional destes estudantes, levando em consideração que a volta para a casa destes também nessa mesma rotina, muitos chegam depois das treze horas (13:00). Cabe um adendo a essa situação explicitada, estes horários são enfrentados tanto pelos estudantes filhos de pequenos agricultores, quanto pelos filhos de trabalhadores das fazendas da região, e assim todas as manhãs são servidos a eles um lanche antes deste adentrarem a sala de aula.

Em contato com essas duas realidades, percebo que os códigos culturais que busco atender com a construção do material atendem-nas, e embora próximas por serem de um mesmo contexto, são distantes no que toca aqueles que trabalham e estudam e aqueles que só estudam, aqueles que chegam e logo pedem transferência e também com aqueles estudantes que permanecem o ano letivo completo na escola, e que não precisam do tempo de adaptação ao novo colégio e suas características específicas.

A turma em questão, participantes dessa experiência possui um número menor de alunos em comparação com escolas urbanas, totalizando seis alunos, sendo três meninas e três meninos. Esta é a única turma de 9º ano da instituição.

A estrutura da escola comporta todos os estudantes com conforto e comodidade sendo um ambiente propício ao ensino. Na instituição todas as salas são climatizadas e há dois laboratórios de informática com computadores com acesso à internet para todos os estudantes da turma, permitindo, quando possível um bom desenvolvimento das atividades durante as aulas. Já que muitas vezes a localização dificulta o acesso à internet, devido às quedas de energia, uma realidade não exclusiva das escolas rurais, mas mais frequente, motivo esse que também me instigou a pensar no desenvolvimento de um aporte didático que fugisse da “plataformização” do ensino essa tendência que claramente não atende a todos. Ao menos não

nos moldes que se entende por uma educação inclusiva, ao levar em consideração a zona rural e a distância de um grande centro urbana, as quedas de luz levam até mais de vinte quatro horas para ser restabelecidos, isso mostra que não podemos ter a dependência total dos meios digitais e que este deve ser um aliado ao ensino, não um agente de coerção.

A escolha desse colégio leva em consideração, principalmente, a região de localização – Oeste do Estado do Paraná – que foi palco dos acontecimentos que estão descritos ao longo das páginas da introdução e do capítulo 01, impactada pela BR-277. A mesma estrada que muitos funcionários e estudantes transitam diariamente para a chegada ao trabalho ou estudo no colégio.

O material didático apresentado a seguir, visa mostrar aos estudantes que, a partir da história de uma estrada, a estrada que diariamente eles percorrem, é possível compreender um pouco da história da região e de todo o estado do Paraná, aproximando-os de uma história local e de seus múltiplos sentidos, onde todos são sujeitos do projeto, buscando fugir de uma história idealizada apenas sobre grandes homens e grandes acontecimentos, levando em consideração seus códigos culturais, como aliá-lo ao ensino de História. Levando em consideração os códigos culturais destes estudantes, e as transformações que vem ocorrendo nos últimos anos.

### **2.3 BR 277: História e memória**

Nas páginas que seguem, está disposto o material didático elaborado para turmas e professores que se interessem, direcionando-o especificamente nessa pesquisa, para o 9º ano do Colégio Estadual do Campo Irmã Rodrigues da Cruz.

O material didático apresentado a seguir foi elaborado considerando as características da nova geração que, conforme afirmam Caimi e Nicola (2015, p. 62), “de modo mais ou menos silencioso, adotou a tecnologia e desenvolveu novas estratégias de aprendizagem, de relacionamento e de convívio social, tornando-se um expoente das mudanças sociais associadas à globalização”. Com base nessa perspectiva, o material e as atividades foram planejados para explorar o potencial dos meios digitais na educação.

As metodologias ativas possuem o potencial de integrar o mundo digital à sala de aula, atuando como uma ferramenta de ensino capaz de aproximar os estudantes de conteúdos com os quais já têm familiaridade. Um exemplo disso é a história da BR-277, que conecta o conteúdo

de história às vivências cotidianas dos alunos, promovendo maior engajamento durante as aulas. A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) apresenta-se como uma abordagem promissora para trabalhar a história da BR-277, permitindo aproximar estudantes habituados à tecnologia do ensino de história de forma mais significativa e contextualizada.

Este material didático será, conforme Bender (2014, p. 16), uma "âncora que serve para fundamentar o ensino", funcionando como ponto de partida para a construção do conhecimento ao longo do projeto de aprendizagem. De acordo com Moran (2018, p. 17), tais projetos "preveem paradas para reflexão, feedback, autoavaliação e avaliação entre pares, discussão com outros grupos e atividades para aprimoramento de ideias". Com base nessa perspectiva, esses momentos foram integrados ao material, visando ao melhor desenvolvimento das aulas e ao aprofundamento do aprendizado.

As atividades avaliativas ou artefatos, conforme Bender (2014, p. 16), "são itens criados ao longo da execução de um projeto". No contexto deste projeto, os artefatos a serem produzidos incluem: "vídeos digitais", um projeto de arte adaptado para a criação de uma ilustração histórica e um "relatório para órgãos oficiais", que foi ajustado para se tornar uma carta dirigida ao governador do estado do Paraná. Esses artefatos serão desenvolvidos ao longo da execução do projeto, promovendo a aplicação prática e o engajamento dos participantes.

A BR 277

e a

História do  
Paraná

tiago Galinski da Silva

## Atenção Professor (a)

Este material foi produzido como parte da dissertação do mestrado Profissional de História *ProfHistória*, tendo como objetivo o material didático-pedagógico para a turma do ensino fundamental II/9º. As atividades presentes podem ser adaptadas para as demais séries e à realidade de cada instituição de ensino.

O material pode ser utilizado de forma contínua até sua conclusão ou integrado ao longo do ano letivo. Recomenda-se uma média de oito aulas para a finalização do conteúdo, incluindo a leitura do e-book e a realização das atividades propostas.

Busca-se, neste conteúdo proposto, um apoio aos professores no ensino de História no Paraná, tendo em vista sua obrigatoriedade com a Lei nº 13.381/01. Desta forma, pretende-se possibilitar o ensino mais próximo dos estudantes ao pensar a BR-277 como marco histórico, intrinsecamente relacionado à sua realidade e ao cotidiano.

Assim, trata-se de um aprofundamento e complemento da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e do CREP (Currículo da Rede Estadual Paranaense), para o melhor desenvolvimento da educação. Entre os objetivos a serem desenvolvidos estão: Objetivos de aprendizagem

- BNCC (EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.
- PR. EFO9HI17. s. 9.20. Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Paraná e do Brasil a partir de 1946.
- PR. EFO9HI28. a. 9.17 Identificar e analisar aspectos nas relações de poder da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses, bem como suas influências e consequências para o Paraná, Brasil e o mundo.

# Sumário

1.0 Introdução

2.0 BR-277: História e memória

2.1 Século XIX e início do século XX

2.2 Era Vargas

2.3 Período militar

3.0 Atividades de Avaliação

# Introdução

Quando vocês estudantes e seus responsáveis legais estão trafegando por uma estrada, já se perguntou qual sua origem? Quem a construiu? Quais foram os reais fins para a sua construção? Caso nunca tenha feito estas perguntas, depois de ler as páginas seguintes deste material de apoio, sua experiência em trafegar em uma estrada não será mais a mesma. Partiremos em uma viagem através de uma estrada, conhecida por alguns e desconhecida para outros, viajaremos em suas curvas e serras, viajando de leste a oeste contando a História do Estado do Paraná. Passaremos pela experiência de viajar no tempo enquanto percorremos a BR-277, por sua história e sua relação com o Estado do Paraná, com o Brasil e a América Latina.

Nossa viagem começa em meados do século XIX, quando a região do atual Estado do Paraná ainda fazia parte do Estado de São Paulo e era chamada de 5ª comarca. Recebia poucos investimentos provenientes dos impostos cobrados e não havia aportes significativos para melhorias na região. A falta de ligações entre as regiões do estado era evidente: a partir dos campos de Guarapuava, não existia um caminho carroçável que chegasse à região oeste. Somente após a emancipação do Estado do Paraná é que foram realizados investimentos para a construção de uma estrada carroçável entre os campos de Guarapuava e o atual município de Foz do Iguaçu.

As disputas platinas tiveram seu ápice com a Guerra do Paraguai (dezembro de 1864 a março de 1870), conflito ocorrido na região do Prata que envolveu Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. Essa guerra elevou a preocupação do Estado brasileiro com a fronteira platina, o que levou a uma atenção maior à região, resultando na construção de uma colônia militar

em Foz do Iguaçu para sua proteção. Durante o período conhecido como Era Vargas, foi criada a chamada "Marcha para o Oeste", cujo objetivo era expandir a presença do Estado brasileiro em direção à tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. A antiga estrada carroçável passou por transformações, sendo inicialmente denominada BR-35 e, posteriormente, atualizada para o modelo atual da BR-277. Essa rodovia liga o Estado do Paraná de leste a oeste, conectando a região platina ao porto de Paranaguá. Atualmente conhecida como BR-277, a estrada já teve outros nomes, como BR-35, até sua atualização pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT). Também é conhecida como Estrada Estratégica Freitag (2007), pois possui função estratégica ao conectar a região oeste ao restante do estado, sendo chamada ainda de "Grande Estrada" ou "Estrada do Iguaçu".

## BR-277: História e memória



Século XIX e início do  
século XX



Quando estamos viajando na atual BR-277, em seu traçado atual e totalmente asfaltado, você já se perguntou se esta estrada sempre foi assim? Ou se seu traçado é o mesmo desde sua construção? Caso sua resposta seja “nunca!”, comece a se perguntar agora. Viajaremos no tempo durante este texto. Entraremos em uma máquina do tempo, voltando ao século XIX e passando por diferentes períodos da História do Estado do Paraná e do Brasil. Seguiremos o caminho da BR-277 até voltar à atualidade. Embarque nesta viagem e siga esse caminho da História!

**Estudante, qual é a importância das estradas?**

Estamos voltando no tempo, para o século XIX, onde o Brasil passa do final do Segundo Reinado para início da República da Espada. Neste meio tempo, o Estado do Paraná está em transformação, deixando de ser a 5ª comarca de São Paulo para tornar-se um Estado autônomo. Esse acontecimento influenciará o futuro da rodovia BR-277, ou melhor, a futura BR, pois neste momento ainda não havia esta ligação que corta de leste a oeste o Estado paranaense. Sem essa ligação, a população da região oeste paranaense ficava praticamente isolada, visto não haver um caminho carroçável que unisse a região oeste até a região central do Estado. Imaginem, estudantes, como a população que morava a partir de Guarapuava estava esquecida pelo Estado.

Vamos observar o mapa a seguir e analisar. Podemos ver que o Estado do Paraná fez parte do Estado de São Paulo, que possuía toda a faixa que corresponde ao atual Estado do Paraná. Estavam ligados política e economicamente, ou seja, havia uma dependência deste em todas as relações.

Desta forma podemos analisar o Mapa 1. A seguir, em destaque na cor verde, está São Paulo e as terras do futuro Estado do Paraná em suas divisas:

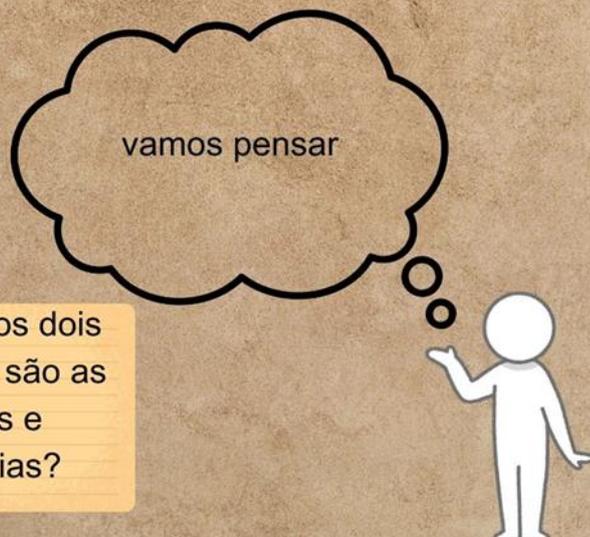


Mapa 1. Fonte: PRIORI, Angelo et al., *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Eduem, 2012. APA

Como podemos ver, o mapa 1 corresponde a um período anterior à emancipação política paranaense. Havia insatisfação. Os moradores da 5ª comarca reclamavam do pouco investimento feito na região e os altos impostos subjugados à população local, além do pouco incentivo para o desenvolvimento.

Estes foram alguns dos motivos que levaram à campanha de separação entre estes Estados, desligando-se definitivamente em 29 de agosto de 1853, sob a Lei nº 704, sancionada por Dom Pedro II, que criou a província paranaense, definitivamente emancipada politicamente da província de São Paulo. Isso quer dizer, “Em linhas gerais, esse conceito refere-se à liberdade ou independência alcançada em relação ao domínio de outro” (Priori, 2012, p. 15).

O Mapa 1 ainda revela que a formação atual do Estado do Brasil ainda não havia se completado. Estudantes, vamos comparar este primeiro mapa com o subsequente do atual Estado brasileiro.



Mapa 2



Mapa 2: Fonte: IBGE (<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18310-divisao-politicoadministrativa-e-regional.html>).

Pesquise o que significa América Latina.

Quais estados ainda não existiam no Mapa 1?

O que é uma fronteira?



O primeiro presidente da província foi Zacarias de Goes e Vasconcelos durante o período de (1853-1855) que, segundo o historiador Wachowicz (2010, p. 149), era “homem de grande visão política e administrativa, que soube orientar os primeiros passos da jovem província de maneira dinâmica e eficiente”.

Desta forma, se inicia o período provincial do Estado do Paraná. A capital permaneceu sendo Curitiba, pois sua localização a beneficiava, estava mais centralizada, em detrimento de Paranaguá, que estava no litoral e, Guarapuava, uma região pouco explorada e que ficava próxima à fronteira estrangeira, como ressalta Wachowicz (2010, p. 150-151).

Neste momento, o Paraná ainda não possuía estradas carroçáveis para locomoção da população para escoar sua produção agrícola ou compra de produtos de outras regiões. Era necessário o transporte feito por muares. Fica a reflexão, leitor, estes muares carregavam as bruacas que eram o recipiente onde se guardavam roupas, panelas e alimentos. As mulas faziam esse transporte pelas trilhas ou picadas.



O que são  
bruacas?  
Como eram  
produzidas?

O que é uma picada?  
Pergunte aos seus  
responsáveis legais.

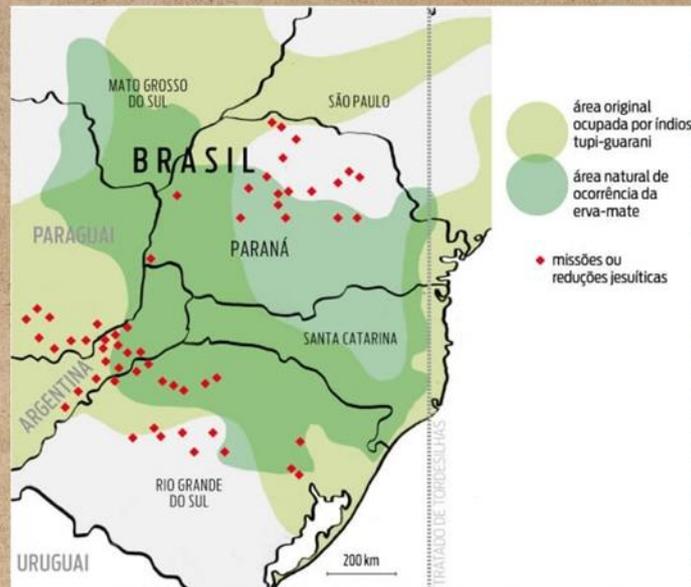
Em relação à economia paranaense, neste momento, o principal produto econômico era a erva-mate. De origem paranaense, muito consumida pelo povos originários do nosso Estado, que foi assimilada pela população sulista e platina. Sim, leitor, o conhecido chimarrão ou mate é paranaense! Leitor, você já provou ou presenciou alguém apreciando o chimarrão? Ou participou de uma roda de chimarrão ou tereré? Essas rodas também são chamadas de tertúlia! O mate é produzido a partir da infusão das folhas da erva, que são secas e depois trituradas, posteriormente é feita infusão com água quente ou fria.

Os povos originários do Paraná foram quem transmitiram esse conhecimento aos europeus, que invadiram estas terras, disseminando a tradição do chimarrão, muito apreciado por toda região platina e sul brasileiro. Os povos originários também chamavam essa planta de *congoy* ou *congonha*.

O chimarrão também foi incorporado nas missões jesuíticas e, posterior às invasões dos bandeirantes, foi difundido pelas demais regiões.

Vamos observar o Mapa 3, onde se situavam as missões jesuíticas, a presença dos povos tupi-guarani e a incidência de ervais nativos na Região Sul do Brasil, nos pontos vermelhos está marcada onde ficavam essas missões. Vamos analisar o mapa!

Ainda existem ervais naturais?



Mapa3: Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/ervamate/origens>

Após observar o mapa anterior e perceber a área de incidência dos ervais, vamos observar a próxima imagem que traz em detalhes um galho de erva-mate e as folhas de erva-mate, conhecida cientificamente como *Ilex paraguariensis*.



Disponível em:  
<https://especiais.gazetadopovo.com.br/ervamate/origens>

**Estudante, qual é a sua preferência de chimarrão? Com água quente? Ou prefere tomar o mate gelado?**

**Caso tenha alguma outra preferência, socialize sua experiência.**

O que você, leitor, conhece sobre a Guerra do Paraguai?

As disputas platinas tiveram seu ápice com a Guerra do Paraguai, um conflito que ocorreu inteiramente na região do Prata e envolveu Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. A formação da Tríplice Aliança — um acordo entre Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai — teve como principal figura de oposição o então presidente vitalício (ou ditador) paraguaio Francisco Solano López. Esse conflito evidenciou a fragilidade da fronteira brasileira e a necessidade de intervenção do Estado na região, já que, até então, não havia nenhuma ligação terrestre com as fronteiras do Paraguai e da Argentina. Por esse motivo, a área passou a ser conhecida como Tríplice Fronteira, pois reúne os limites territoriais de três países.

Ao final da Guerra do Paraguai, surgiu uma sugestão por parte do Exército: construir uma colônia militar, que foi efetivamente constituída no final do século XIX, entre os anos de 1888 e 1912. Essa colônia passou a representar a presença do Estado brasileiro na região de fronteira.

O que é um ditador?

Entre as atribuições da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, estava a de nacionalizar a fronteira e construir estradas carroçáveis, que ligassem a região de fronteira até Guarapuava (Steca e Cunha, 2002, p. 93) descrito pelas autoras. Neste primeiro momento foi aberta uma picada, saído dos campos de Guarapuava até a fronteira. Conclui-se que “nenhuma estrada ou picada foi aberta durante o período imperial até as margens do Rio Paraná. Por terra era praticamente inviável chegar-se até essa fronteira” (Wachowicz, 2010, p. 275). Desta forma, percebe-se o isolamento em que a região vivia, a “mão” do Estado brasileiro não chegava à região.

Os produtos produzidos na região tinham dificuldade para escoar, sendo a região platina o seu destino por falta da ligação com o restante do Estado do Paraná. As mercadorias que chegavam na região de Foz acabavam vindo essencialmente da Argentina pelo Rio Paraná. Trata-se de um dos motivos da circulação da moeda argentina, o peso na região em detrimento à moeda brasileira. Percebe-se a necessidade da construção de uma estrada para ligar a região ao restante do estado paranaense e, desta forma, aproximar a região de fronteira com o restante do país.

Alunos, usando meios digitais façam uma rápida pesquisa sobre o peso argentino: Essa moeda ainda está em circulação? Qual seu valor atual em relação ao real?

O governo do Estado do Paraná passa a requerer a construção de um caminho carroçável para a ligação desta região com o restante do Estado e, dessa forma, atender a esta população do oeste.

Ao construir um caminho carroçável pela região, inicialmente não havia nenhuma ligação que levasse à área de fronteira que fosse obra do Estado brasileiro. Com a criação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu, seu primeiro empreendimento foi a abertura de uma “picada” por agentes da então colônia. “Picada” é o termo utilizado para descrever uma abertura em meio à mata fechada, criando uma passagem para o deslocamento até a região: “a picada, de apenas três metros de largura” (Wachowicz, 1982, p. 22). Leitor, imagine como era circular em meio à mata fechada por um caminho de apenas três metros de largura. Reflita sobre isso, comparando com a largura da atual BR-277.

Em meio a essa precária estrada, uma ilustre figura passou pela região, Santos Dumont. Teria passado montado em cavalo, uma vez que ainda havia apenas a picada. O inventor brasileiro do primeiro avião 14-bis acabou fazendo a ligação saindo de Foz do Iguaçu até Curitiba, após ter visitado as Cataratas do Iguaçu.

Chegamos em 1901, quando é estabelecida a construção de um caminho carroçável para ligação da região. Vamos reler o trecho do jornal a seguir que destaca a construção da estrada que virá ser a BR-277. Apenas a partir do ano de 1901, como descrito no recorte do jornal Diário da Tarde. Leia com atenção este trecho da reportagem!

Acham-se decretadas pe-  
 los poderes competentes a  
 construção de uma estrada  
 partindo de Guarapuava até  
 a Fóz do Iguassú, e a ex-  
 ploração de uma outra ligan-  
 do o Estado do Paraná a Mat-  
 to Grosso,—devendo essas  
 duas classes de trabalhos se-  
 rem executadas pela tropa  
 de linha.

Jornal "O diário da tarde", sábado 1 dezembro 1900.

Vale ressaltar que a grafia das palavras não está errada, mas apenas reflete o período no qual foram produzidas. Com o passar dos anos, tivemos reformas ortográficas.

No próximo trecho do mesmo jornal podemos perceber a notícia em destaque da saída do engenheiro responsável pela construção da estrada. Vamos analisar mais esta fonte.

Seguiu hoje para a commis-  
 são da Fóz do Iguassú o sr. 1.  
 tenente Leopoldo Aloys Be-  
 lem Scherer que ficará na tur-  
 ma do Xagú, afim de iniciar  
 a abertura da estrada que deve  
 ligar a colonia do Iguassú á  
 Guarapuava.

Jornal "O diário da tarde", sábado, 1º de dezembro de 1900.

Estudante, conhece uma  
 carroça? Comente com  
 seus colegas .

Depois de muito trabalho, é entregue a estrada de ligação Guarapuava a Foz do Iguaçu, em 1919. Porém, devido à pressa, teve baixa qualidade ao término da obra. Ainda havia muitas dificuldades quando ocorriam chuvas de grande proporção. Muitos dos rios da região acabavam subindo, ficando impossível chegar à margem do outro lado e seguir viagem, desta forma impedindo o trânsito.

Para você ter uma ideia, estudante, leia o relato do senhor Miguel Matte, o qual passou pela estrada recém-inaugurada de carro: “iniciou o tráfego entre Guarapuava e Foz do Iguaçu fazendo o percurso de automóvel, levando para isso, segundo ele, 72 horas” (WACHOWICZ, 1982. p. 31).

Estudantes, quantos horas se leva hoje neste mesmo trajeto na atual BR-277? Reflita sobre este trajeto comparando com o depoimento anterior. A estrada também não tinha a recomendação para ser transponível utilizando um automóvel, sendo uma ligação precária.

Pensando nesse veículo, o automóvel, a estrada era inadequada — era mais apropriada para carroças, que, mesmo assim, enfrentavam dificuldades para transitar por ela. Vale ressaltar que não havia pontes sobre os rios e, quando ocorriam chuvas intensas e o nível dos rios subia, era necessário montar acampamento próximo ao vau (local onde o rio é mais raso e permite a passagem dos viajantes), aguardando as águas baixarem para então seguir viagem.

Atenção:  
Leia novamente!

Em dezembro de 1919, o senhor Miguel Mate iniciou o tráfego entre Guarapuava e Foz do Iguaçu fazendo o percurso de automóvel, levando para isso, segundo ele, 72 horas (WACHOWICZ, 1982. P. 31).

**Leitor, você conhece as  
Cataratas do Iguaçu, ponto  
turístico?**

Passando do momento de viagem, outro momento de tensão na Região Oeste foi o tenentismo, movimento que contestava a política da Primeira República ou República Oligárquica Brasileira, conhecida como café com leite. Tal política revezava os presidentes brasileiros, entre mineiros e paulistas. Quando não havia acordo entre estes estados, aparecia um presidente de outro estado da federação.

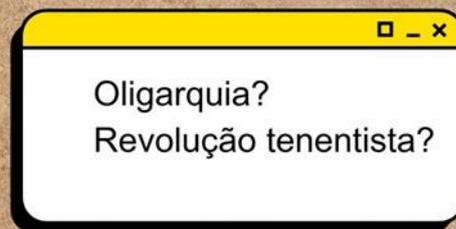
O movimento tenentista acabou passando pela região oeste e sudoeste do Paraná, tendo um dos seus principais conflitos no atual município de Catanduvas e Guaraniaçu.

Novamente mostrou a fragilidade da fronteira brasileira, tendo em vista que os rebeldes montaram parada nesta região próxima à fronteira entre os atuais municípios de Foz do Iguaçu e Guaira. “Enquanto Rondon organizava seu Q. G em Ponta Grossa, os rebeldes instalaram-se em Catanduvas e Belarmino” (WACHOWICZ, 1982, p. 103).

Posteriormente, com o avanço das tropas, o General Cândido Mariano da Silva Rondon acabou montando seu Q. G mais próximo das linhas inimigas, onde hoje é o município de Laranjeiras do Sul.

Após a queda de Catanduvás, os revoltosos deixaram a região oeste paranaense. Sendo a atual BR-277 de extrema importância para o deslocamento das tropas legalistas. Da mesma forma, foi usada pelos revoltosos para seguir a região da fronteira. Vale ressaltar que o trajeto da estrada neste momento passava pelo município de Catanduvás, pois esta, no seu remodelamento, deixou de passar por este município.

### PARA SABER MAIS



### Era Vargas



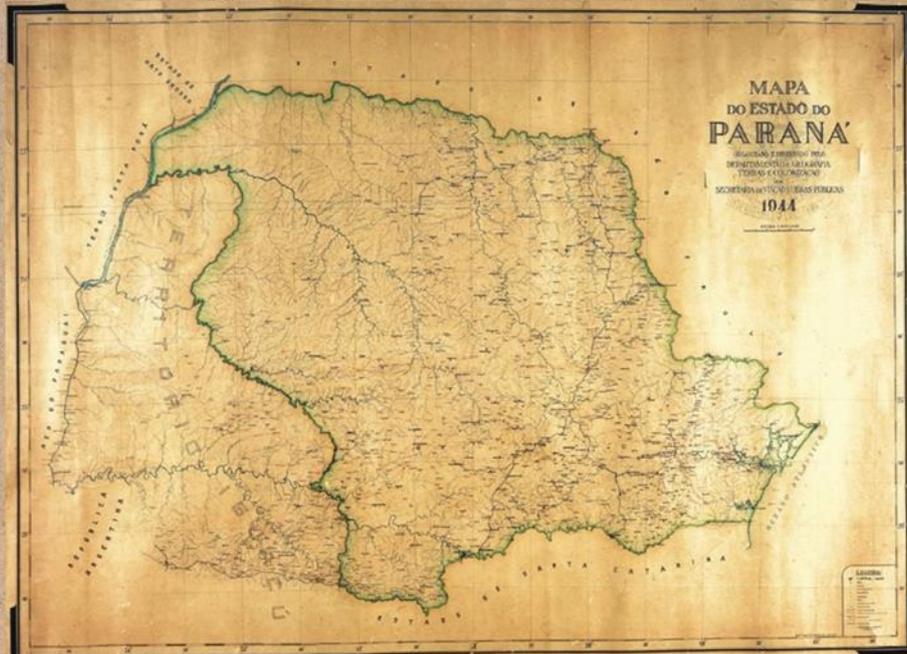
Durante o período conhecido como era Vargas (1930-1945), que corresponde aos governos: Provisório (1930-34), Constitucional (1934-37) e Estado Novo (1937-1945), Vargas implementa a chamada política de “marcha para oeste”. Esta buscava a intensificação da atuação das mãos do governo na região de fronteira latina, entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Um dos objetivos era a criação de um território federal na região de fronteira latina. Os Estados de Santa Catarina e Paraná teriam parte dos seus territórios incorporados neste projeto. Este objetivo foi alcançado durante o período do Estado Novo.

Como uma forma de proteger a fronteira brasileira, o então presidente Vargas cria o Território Federal do Iguaçu, com o objetivo de que as mãos do Estado chegassem a esta localidade. Havia a intenção de nacionalizar a fronteira, com isso, parte dos Estados do Paraná e Santa Catarina foram desapropriadas para criar o território federal. Sua capital foi o atual município de Laranjeiras do Sul, que na época chamava-se Iguaçu.

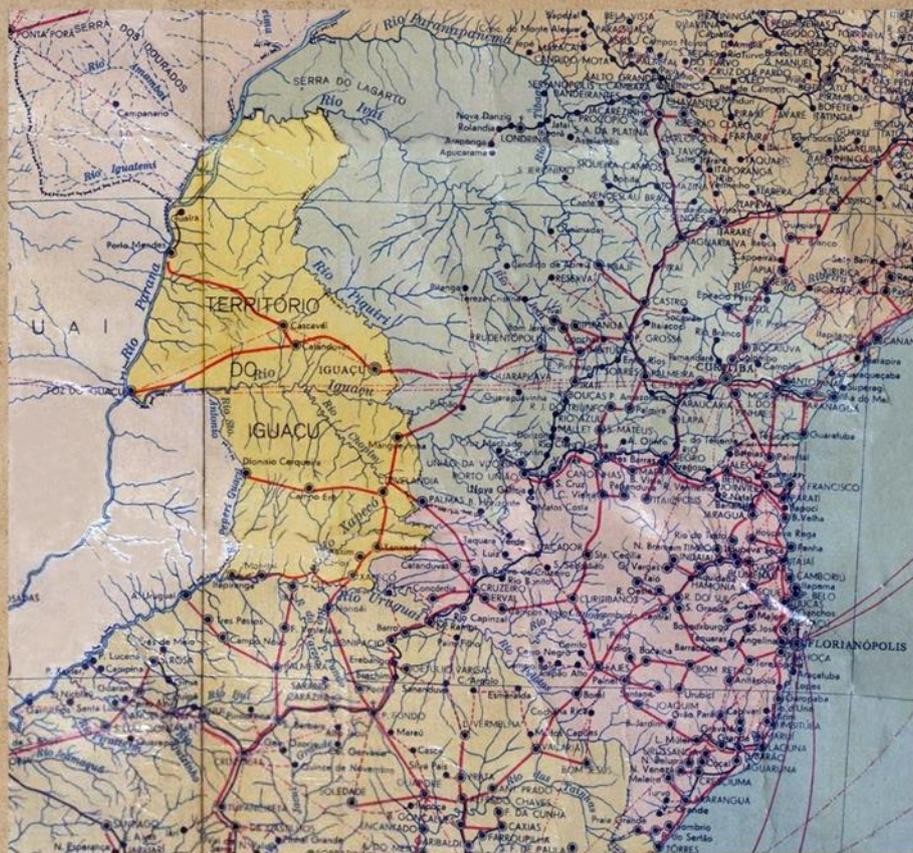
O Estado do Paraná perdia parte significativa do seu território na porção a oeste. Observaremos no mapa a seguir o território que passou a ser federal, desagradando o Paraná por ser uma decisão de cima para baixo, ou seja, vinda diretamente do executivo federal.

Vamos observar o mapa a seguir:



Fonte: Coletânea de mapas históricos do Paraná (2007).

O mapa acima representa o território perdido pelo Estado do Paraná após a criação do Território Federal do Iguaçu, o qual está recortado com este nome no mapa, porção a partir do oeste paranaense.



Fonte: Disponível em <http://www.guiageo-parana.com/mapas/territorio-iguacu.htm>.

Estudante, observe que em amarelo está destacado o Território Federal do Iguazu. As linhas vermelhas são as estradas. Cabe ressaltar que a atual BR-277 é a linha que sai de Foz de Iguaçu, passa por Catanduvas e a capital Iguazu, seguindo rumo a Guarapuava.

Neste momento a constituição de um novo Estado, um território federal, deveria intensificar a atuação do Estado Brasileiro, colocando fim à atuação de estrangeiros que muito exploraram erva-mate e madeiras na região.

Relembrando, um dos fatores que coloca fim a estes acontecimentos foi o movimento tenentista. Os revolucionários acabaram montando base na região de fronteira, sendo um dos fatores para a construção e constituição do Território Federal do Iguaçu a percepção de que as “mãos” do Estado não alcançavam a região.

Durante a “marcha para oeste” que incentivava a colonização desta região, inicia-se a construção da primeira rodovia que passaria a ligar o município de Ponta Grossa a Foz do Iguaçu, a qual ficaria conhecida como BR-35. Logo após, daria lugar à atual BR-277, em uma mudança de nomenclatura organizada pelo governo brasileiro. O que se verá nas próximas páginas.

Esse território federal, por sua vez, não resiste à queda do governo Vargas, que pôs fim ao regime do Estado Novo. Desta forma, Vargas sai do poder após quinze anos como Presidente. O território foi voltando para os seus Estados de origem, decisão influenciada pelo Estado do Paraná, que desejava reaver parte do seu território que havia sido desmembrado.

Procure mais sobre a “marcha para oeste”.

Com a extinção do território do Iguazu em 18 de setembro de 1946 pela Constituição desse mesmo ano, as terras voltam ao Estado do Paraná, passando a ter a seguinte configuração em 1948.



Fonte: Disponível em <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Coletanea-de-Mapas-Historicos-do-Parana>.

Durante vigência do território federal a estrada não tinha melhorado, era precário também o setor econômico, o qual apresentava dificuldades com a distribuição das safras de porcos produzidos na região oeste a partir de Guarapuava. Os porcos criados na região oeste eram “tocados” em viagens a pé, até os pontos de embarque para os caminhões, “quase sempre à Guarapuava, Ponta Grossa ou Castro” (CAMARGO, 1999, p.68). Os caminhões não

conseguiam chegar até a região produtora por falta de caminhos adequados.

Os criadores de porcos eram conhecidos como safristas, conforme descrito por João Oliver Camargo ao descrever a História do município de Laranjeiras do Sul ainda em Camargo (1999, p. 66): “dava-se este nome ao criador pelo fato de que as tropas de porcos ficavam prontas para a venda apenas uma vez ao ano e, a época da venda era a safra (...) os porcos eram tocados pela estrada durante os horários onde a temperatura era mais amena”.

Quando as lavouras ou roças de milho ficavam maduras ou secas, os porcos eram soltos para engordar e, posteriormente, levados ao mercado consumidor. Com o aumento da população e a falta de espaço para novas roças, além das dificuldades já existentes, esse tipo de produção acabou sendo extinto.



"Tornaram-se grandes produtoras de suínos as regiões de Pato Branco, Catanduvas, Laranjeiras do Sul, Pitanga, Ortigueira, Faxinal, Santo Antônio da Platina etc. O sudoeste tornou-se uma das grandes regiões criadoras. Para os caboclos, a criação de suínos tornou-se uma atividade a ser desenvolvida na entressafra do mate" (WACHOWICZ, 2010, p. 213).

A partir da melhoria das estradas, este sistema foi desaparecendo. Entre os motivos do investimento nessa infraestrutura, após a Segunda Guerra Mundial, estão as estradas de rodagem no Brasil, com a chegada à presidência de Juscelino Kubitschek, ou simplesmente JK (estudante, você tem recordação deste Presidente?). Vamos lembrar o seu slogan de campanha "50 anos em 5".

Tinha em vista modernizar o Estado brasileiro em 5 anos, período de seu mandato, aquilo que os demais presidentes fizeram em 50 anos. Com isso, foi responsável pela construção da capital Federal Brasília. Neste período, o Brasil passou a adotar o modelo de estrada de rodagem, deixando de lado o modelo ferroviário, principalmente com a chegada das multinacionais montadoras de veículos automotores.

Estudante, seus responsáveis legais têm veículo automotor? A utilização de veículos está totalmente ligada a esta política de Estado.

**O sistema de estradas de rodagem é o principal meio de locomoção da produção brasileira.**

### \* Período militar \*

Quando você está viajando por uma estrada, já se perguntou se ela teve outros nomes? É o caso da BR-277, que já foi chamada de BR-35. Voltando no tempo, também era conhecida como "Estratégica Velha" e, ainda antes disso, como "Estrada do Iguaçu", popularmente chamada de "Grande Estrada".

Como dito anteriormente, foi uma política de Estado padronizar a malha rodoviária nacional, que ocorreu entre os anos de 1964 até 1973. Com isso, houve a mudança para a grande estrada, pois se tratava de uma estrada transversal que corta de leste para oeste, recebendo a sigla BR por ser uma rodovia federal. O inicial 2, é por estar situada na região sul do país, abaixo da capital federal Brasília, recebe os números de 50 a 99 em função do paralelo com a capital federal levando o número 77.

Além da mudança da numeração da grande estrada, agora BR-277, na geopolítica platina ocorreram alterações. A fronteira guarani sempre foi alvo de debates, acerca da melhor forma de integrar essa região ao restante do estado paranaense. A estrada possibilitou esta ligação, assim como possibilitou uma proximidade com o Paraguai. A partir de 1964 o Brasil passa por um período ditatorial de 21 anos, que reflete em nossa região. Podemos ressaltar eventos como a construção e término da Ponte Internacional da Amizade, a qual liga o estado brasileiro ao

Enquanto o Brasil passava por um período de ditadura militar, o mesmo ocorria nos países vizinhos da América Latina, como Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile. Em todas essas ditaduras, houve intensa repressão e violação de direitos civis, com muitos crimes cometidos por esses regimes autoritários.

estado paraguaio. A obra começa a ser construída durante o chamado “breve período democrático no Brasil”, que inicia com o fim da Era Vargas. Durou de 1945 a 1964, tendo como primeiro presidente eleito Eurico

Gaspar Dutra. Seu fim ocorre com o golpe militar de 1964, que destituiu do cargo o então presidente João Goulart.

Ainda em período militar um evento importante na região, que foi a construção da Hidrelétrica de Itaipu. Uma parte fica em território brasileiro e uma parte em território paraguaio, pois esta foi construída na fronteira entre estes países. Tal hidrelétrica só foi possível de construir mediante acordo entre os dois países, assinado em 26/04/1973, o Tratado de Itaipu. Vamos ver o recorte abaixo.

Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai para o Aproveitamento Hidrelétrico dos Recursos Hídricos do Rio Paraná, pertencentes em Condomínio aos dois Países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guaira até a Foz do Rio Iguaçu. O Presidente da República Federativa do Brasil, General-de-Exército Emilio Garrastazu Médici, e o Presidente da República do Paraguai,

General-de-Exército Alfredo Stroessner; Considerando o espírito de cordialidade existente entre os dois países e os laços de fraternal amizade que os unem; O interesse comum em realizar o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná, pertencentes em Condomínio aos dois Países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guaíra até a Foz do Rio Iguaçu (...)

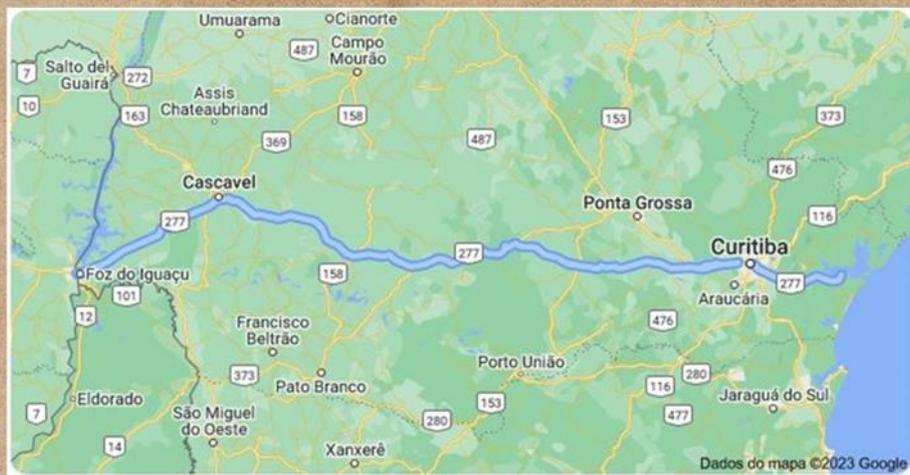
Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>

Podemos observar neste fragmento do tratado a intenção entre os dois países de usar os recursos naturais do rio. Depois de pronta, a hidrelétrica começou a gerar energia em 1984, em meio ao período militar brasileiro.

O oeste do Paraná passa a ser integrado a outras regiões do país por meio da BR-277. Inicia-se a exploração de grãos, como milho e soja, sendo essa rodovia responsável por cortar o estado de oeste a leste, transportando os produtos agrícolas até o porto de Paranaguá — importante rota de escoamento de cereais, inclusive provenientes do Paraguai. A partir da ligação entre o Brasil e o Paraguai pela Ponte Internacional da Amizade, parte da safra paraguaia passa a transitar por esse caminho, chegando até o Oceano Atlântico, conforme acordos comerciais firmados com o Brasil. A BR-277 é a principal rodovia de ligação do extremo oeste paranaense ao porto de Paranaguá, integrando o anel rodoviário que conecta os estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina. Ela não é rota apenas de produtos, mas

serve de ligação para chegar à sétima maravilha natural do mundo, as Cataratas do Iguaçu, localizadas no município de Foz do Iguaçu, importante ponto turístico brasileiro.

Vamos observar a próxima imagem. Trata-se da atual BR-277 e seu traçado que demonstra sua importância para a região, Estado do Paraná, Brasil e América Latina. Estudante, compare com os mapas anteriores e observe como ocorreram mudanças neste período.



Fonte: Google Maps.

A partir do período de redemocratização do Estado Brasileiro em 1988, com a nova constituição, que ficou conhecida como Constituição Cidadã, a BR-277 passa a ter iniciativa privada. Foram criados pedágios ao longo do seu percurso. Estudante, você se recorda das cobranças das praças de pedágios? Parte do dinheiro arrecado nestes pedágios era para manutenção e melhoria da estrada, fechando um gargalo de sua manutenção. Nos dias atuais, como está a manutenção da pista da BR, estudante? Entre os municípios de Guarapuava e Foz do

Iguaçu, foi cedida à empresa Eco Cataratas, que foi a responsável pela manutenção e melhorias da BR-277, até o término do contrato em 2021. Converse com seus responsáveis legais sobre a atuação e manutenção da pista, as mudanças e melhorias que ocorreram e o que pode ser melhorado neste trajeto. Vale ressaltar que a rodovia foi novamente leiloada a uma nova concessão. Estudante, em sua opinião, será benéfica a medida de privatização?

### Atividades de Avaliação:

1- A partir da leitura e dos diálogos sobre a história da BR-277, que passou por diferentes fases ao longo de seu desenvolvimento histórico e testemunhou diversos momentos importantes da região, a proposta é a seguinte: utilizando uma folha A4 (sulfite), faça inicialmente uma margem ao redor da folha. Em seguida, divida a folha em três partes, cada uma representando uma fase distinta da história da BR-277.

Na primeira parte, desenhe uma "picada" (trilha rudimentar) em meio à mata fechada, retratando o cenário inicial da estrada. Na segunda parte, ilustre uma estrada carroçável, ainda sem pontes sobre os rios, demonstrando o estágio intermediário da BR-277. Na terceira parte, desenhe a BR-277 como ela é atualmente, com seu traçado moderno e a presença de pedágios.

Agora, com essa estrutura em mente, use sua criatividade para fazer os desenhos que retratem cada fase da evolução da BR-277.

2- A segunda atividade propõe que os estudantes redijam uma carta dirigida ao governador do estado do Paraná. Para essa tarefa, os alunos devem se situar no contexto histórico do final do século XIX e início do século XX. Devem colocar-se no lugar de um morador da região oeste paranaense nesse período, vivendo isolado do restante do estado, sem estradas adequadas para o escoamento de sua produção, a compra de suprimentos essenciais, como

sal e tecidos para a confecção de roupas, além de enfrentar grandes dificuldades para acessar serviços médicos e adquirir medicamentos em caso de doença. Considerando a leitura do texto anterior e a produção do desenho realizado na primeira atividade, os estudantes devem escrever uma carta ao governador sugerindo uma solução para os problemas enfrentados pela região.

3- Estudantes, até o momento, a história do Paraná e da região da fronteira platina tem sido entrelaçada, destacando a relevância desta como uma artéria econômica e geopolítica central. Compreendendo esses fatos, a turma é agora convidada a criar um vídeo de marketing que promova a BR-277, sua história e sua importância central.

Partindo da situação hipotética que a turma foi selecionada para representar a escola em um evento escolar, onde também representará o município e o Estado do Paraná. Durante o evento, haverá um momento para a apresentação dos participantes, sendo que cada turma vem de um estado diferente. Este é o momento ideal para vocês apresentarem a BR-277 como uma artéria central e fundamental no desenvolvimento e como um ponto de referência do local que vocês estão representando.

A proposta é que, partindo desse fato, você construa uma narrativa visual que explore as diferentes fases históricas da BR-277, destacando sua importância ao longo do tempo. O vídeo deverá ter um máximo de um minuto e, como sugestão, o editor de vídeo gratuito CapCut pode ser usado.

### Sugestão de estrutura do vídeo

- Introdução:
- Apresente a BR-277 como uma importante ligação de oeste a leste.
- Destaque sua extensão de 730 km do município de Foz do Iguaçu ao município de Paranaguá.
- História:
  - Fase Inicial (Final do século XIX) : Como “picada”
  - Durante o período da Era Vargas
  - Inauguração (1969): Aborde o impacto da conclusão do asfaltamento.
- Importância Econômica:
  - Enfatize que a BR-277 é uma artéria vital do Estado do Paraná
  - Mostre como a rodovia impacta positivamente o transporte de mercadorias, facilitando o comércio entre Brasil, Paraguai e Argentina. Isso posiciona a BR-277 como uma ligação estratégica para o Mercosul.
- Impacto Regional e Geopolítico:
  - Destaque a importância geopolítica da BR-277.
  - Mencione os pedágios e as melhorias que a rodovia sofreu ao longo do tempo, como duplicações e novas pontes, para melhor atender o crescente volume de tráfego, consolidando sua importância para a logística regional.
- Encerramento:
  - Conclua o vídeo destacando a BR-277 como uma via de grande relevância para o desenvolvimento sustentável da região e sua importância contínua para o futuro do Estado do Paraná, tornando-a um eixo essencial para a integração econômica.

Este vídeo pode ser uma excelente ferramenta para destacar a relevância histórica, econômica e geopolítica da BR-277, ressaltando o local de origem da turma. Cabe uma observação, esta é uma sugestão e a turma tem total autonomia para concluir o projeto.

### Sugestão de socialização:

Depois de um longo caminho que percorremos pela BR-277, que iniciou no XIX, voltamos ao tempo presente. Agora, professor(a), todos os alunos e demais convidados, vamos fazer uma tertúlia (roda de chimarrão), vamos socializar o que aprendemos neste caminho da História da BR-277. Enquanto dialogamos, vamos apreciar o chimarrão ou mate, para aqueles que preferem o mate frio, também é conhecido como tereré e descrever as experiências desta viagem no tempo.



Disponível em: <https://www.alertaparana.com.br/noticia/13186/o-chimarrao-e-gaicho-mas-a-erva-mate-e-paranaense#>

## Referências

BRASIL; PARAGUAI. **Tratado de Itaipu**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

CAMARGO, João Oliver. **NERJE – Laranjeiras do Sul, raízes de nossa terra**. Laranjeiras do Sul: [s.n.], 1999.

CANHA, Vanderleia. **Educação patrimonial e história local: problematizando histórias na estrada da Graciosa na Província do Paraná (1853-1889)**. Curitiba, 2023.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Nativos digitais, imigrantes digitais: quinze anos depois. In: BUENO, André. CREMA, Everton. ESTACHESKI, Dulceli. **Para um Novo Amanhã: visões sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição LAPHIS/Sobre Ontens, 2016.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. **Nomenclatura das rodovias federais**. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/rodovias/rodovias-federais/nomenclatura-das-rodovias-federais>. Acesso em: 18 out. 2023.

DIÁRIO DA TARDE. **Biblioteca Digital do Brasil**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=800074&pagfis=1953>. Acesso em: 21 jan. 2025.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re) ocupação.** Tese (História). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2007.

GAZETA DO POVO. **Erva mate:** origens. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/erva-mate/origens/>. Acesso em: 14 out. 2023.

GUIA GEO PARANÁ. **Mapa do Território do Iguaçu em 1944.** Disponível em: <http://www.guiageo-parana.com/mapas/territorio-iguacu.htm>. Acesso em: 04 nov. 2023.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Coletânea de Mapas Históricos do Paraná.** Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Coletanea-de-Mapas-Historicos-do-Parana>. Acesso em: 18 nov. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão político-administrativa e regional.** Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18310-divisao-politico-administrativa-e-regional.html>. Acesso em: 09 set. 2023.

INSTITUTO DE TERRAS E CARTOGRAFIAS DO ESTADO DO PARANÁ. **Coletânea de mapas históricos do Paraná.** Curitiba: ITCF, 2006.

MAGNOLIO, Demétrio. **O corpo da pátria**: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997.

MYSKIW, Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem**: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888–1907). 2009. 245 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, RJ, 2009.

PEREIRA, Oscar Ramos. **Rodovias paranaenses construídas pelo Exército**: (período 1927-1948) : (subsídio para uma história das rodovias federais). [s.l.]: [s.n.], 1948.

PRIORI, Angelo et al. **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Eduem, 2012.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **Foz do Iguaçu**: cidade rede sul-americana. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2006.

STECA, Lucinéia Cunha. **História do Paraná**: do século XVI à década de 1950. Editora UEL, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 2ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WACHOWICZ. Ruy Christovam. **Obrageiros, mensus e colonos**: história do oeste-paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

### CAPÍTULO 03

#### APRENDER POR PROJETOS, É POSSÍVEL?

Segundo Moran (2018, p. 45), “aprender de forma ativa significa construir conhecimentos por meio da interação com o mundo, a colaboração com os pares e a reflexão sobre o que é aprendido”. Nesse sentido avaliar as aprendizagens também se dá na verificação do trabalho em equipe, da busca por soluções e do estímulo ao desenvolvimento e criticidade desses conhecimentos em situações reais.

A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), conforme Moran (2018, p. 16), "é uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver algo que tenha ligação com sua vida fora da sala de aula", possibilitando a construção de um conhecimento significativo para os estudantes. Além disso, o trabalho colaborativo entre os componentes curriculares desempenha um papel fundamental nesse processo. Segundo o guia para professores da ABP, elaborado por Buck Institute for Education (2008, p. 23), "pode contribuir significativamente para esse processo, incentivando a colaboração dos professores". O mesmo guia também ressalta que "os projetos são uma excelente forma de envolver os pais e os membros da comunidade no processo educacional", fortalecendo os laços entre escola, família e sociedade.

Este capítulo tem como objetivo apresentar o processo de aplicação do material didático e a análise dos resultados obtidos, com o propósito de avaliar, a partir dos dados obtidos das atividades realizadas com os estudantes, a eficácia da metodologia ativa baseada em projetos no ensino de História. O foco é verificar se o aprendizado por meio dessa abordagem é viável e como ela contribui para uma formação integral dos alunos. Vale destacar que este modelo segue o conceito descrito por Moran (2018, p. 17) como "exercício-projeto", caracterizado pela aplicação no âmbito de uma única disciplina, neste caso, História, analisando seus impactos no desenvolvimento das competências educacionais dos estudantes.

### **3.1 Aplicação do material didático com base na metodologia ativa**

Desde o momento em que apresentei à direção da escola a proposta de realização do projeto, houve uma receptividade positiva para sua implementação. No entanto, algumas condições foram estabelecidas para garantir que o andamento das aulas e o cumprimento do cronograma curricular não fossem comprometidos. Um ponto enfatizado pela direção foi a obrigatoriedade de atender integralmente ao currículo escolar, especialmente no que se refere às revisões preparatórias para as provas externas do 9º ano. Além disso, foi definido que os alunos não poderiam participar das atividades do projeto ou de conteúdos regulares fora do

horário habitual das aulas. Diante dessas condições, o projeto foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2024, respeitando as diretrizes estabelecidas pela escola.

O primeiro contato com a turma para apresentação do projeto de mestrado foi recebido de maneira bastante satisfatória. Os alunos demonstraram interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre a história da BR-277, bem como em compreender as etapas das atividades propostas. É importante destacar que todos manifestaram grande entusiasmo, especialmente em relação à última atividade, contribuindo, inclusive, com sugestões de aplicativos e ferramentas que poderiam ser utilizados para a produção do vídeo. O aplicativo escolhido para a realização da atividade foi sugerido pelos próprios alunos, considerando sua familiaridade com a ferramenta. Diante disso, percebeu-se uma postura proativa dos estudantes em relação ao desenvolvimento do projeto.

Durante as aulas, o material didático foi aplicado, dividindo-se o tempo disponível em duas aulas: uma dedicada ao conteúdo regular escolar e outra ao material extra. Este foi apresentado aos estudantes, e as leituras foram realizadas em forma de roda de conversa, com discussões conjuntas sobre perguntas e observações. Os alunos participaram de forma ativa, demonstrando grande interesse pelo tema, que despertou sua curiosidade e motivou-os a buscar mais informações sobre a história da BR-277. Relataram, inclusive, que haviam conversado com seus pais, avós e vizinhos mais velhos para aprofundar seus conhecimentos. Observou-se que alguns alunos possuíam maior facilidade para se expressar, enquanto outros eram mais tímidos, porém todos participaram de maneira engajada nas rodas de conversa.

A implementação das atividades se desenvolveu com algumas dificuldades, levando mais tempo que o planejado para a execução das atividades a proposta inicial previa a realização da leitura do material didático e a execução das atividades em um total de seis aulas, distribuídas ao longo de três semanas, considerando duas aulas semanais com a turma do 9º ano. No entanto, devido a acordos estabelecidos com a direção da escola, o projeto foi ampliado e estendido por todo o ano de 2024.

Durante o processo, ocorreram eventos internos e externos na escola que impactaram o cronograma, incluindo a aplicação de provas externas e feriados que coincidiram com os dias das aulas, prolongando o tempo necessário para a conclusão das atividades. Ressalta-se que todas as atividades foram realizadas exclusivamente em sala de aula. Entre as dificuldades enfrentadas, destaca-se a ausência de alguns estudantes em determinadas aulas devido ao mau tempo e à impossibilidade de transporte, os eventos já citados externos ou internos, vale destacar a incidência de alguns feriados em alguns dias de aula, além da inviabilidade de realizar

as atividades em casa, levando em conta o acordo com a direção e considerando os compromissos familiares dos alunos.

A maior dificuldade entre estas até aqui citadas foi trabalhar o componente curricular de História em duas aulas semanais no 9º ano do ensino fundamental II, devido à redução da carga horária determinada pela SEED em 2024<sup>8</sup>, juntamente com a condensação de conteúdos, o que dificultou o andamento da proposta. Apesar dessa redução, a cobrança por resultados em provas externas, como a prova Paraná, se intensificou devido às constantes visitas do núcleo regional de educação à escola, para exigir e acompanhar um desempenho positivo dos estudantes nessas provas. A observação em sala de aula, realizada por diretor e pedagoga, e, em alguns casos, por um membro do núcleo regional de educação, tornou-se frequente, o que teve como consequências diversas pausas no cronograma de desenvolvimento da pesquisa.

Sendo a observação em sala de aula uma forma de monitorar e cobrar dos professores o cumprimento do cronograma da SEED pré-estabelecido no RCO, e das metodologias propostas pelo governo. Caso contrário, o docente é advertido para seguir as diretrizes, recebendo avaliações negativas desses agentes externos. A observação em sala de aula tornou-se um método de pressão psicológica sobre os professores, como uma forma de “vigiar e punir”, onde a vigilância e a repressão são usadas como controle social (Foucault, 1987).

O atraso na programação foi um empecilho, assim como as interrupções do cotidiano escolar, como reuniões, atividades extracurriculares (competições esportivas internas e externas). Porém, ainda sim o desenvolvimento do projeto e aplicação das práticas ativas mostraram resultados no processo de ensino aprendizagem histórico.

Conforme sugerido pelo material, algumas atividades deveriam ser realizadas com os responsáveis legais dos estudantes, que compartilhavam na aula seguinte suas opiniões sobre o assunto abordado. Após a exploração do texto durante as aulas, chegou-se ao momento de execução das atividades propostas.

Superados esses desafios, as atividades ocorreram de forma satisfatória. A primeira atividade fundamentada na concepção de Braudel (2014) sobre temporalidades, baseadas em curta, média e longa duração, utilizando a BR-277 para visualizar a região em diferentes períodos históricos. A atividade consistiu na criação de três desenhos representando temporalidades distintas, com o objetivo de comparar a passagem do tempo e seu impacto na

---

<sup>8</sup> <https://appsindicato.org.br/para-salvar-pensamento-computacional-seed-sacrifica-aulas-de-ciencias-geografia-historia-e-matematica/>

região, ampliando a compreensão histórica. A produção dessa atividade foi realizada em folha A4 padrão, permitindo visualizar a visão e imaginação histórica do conteúdo estudado.

Em um primeiro momento, a proposta de realização do desenho foi considerada simples pelos alunos, pois aparentava ser uma tarefa fácil. No entanto, ao iniciarem o trabalho, alguns alunos relataram dificuldades devido à falta de hábito em desenhar, enquanto outros enfrentaram desafios em representar suas ideias graficamente. A maior dificuldade observada foi relacionada ao tempo necessário para a conclusão da atividade. Inicialmente, previa-se que a tarefa fosse concluída em menos de uma aula de 50 minutos, mas, na prática, acabou demandando três aulas para sua finalização.

A segunda atividade propôs que os estudantes redigissem uma carta ao governador do Estado do Paraná. Situando-se no contexto histórico do final do século XIX e início do século XX, os estudantes deveriam se colocar no lugar de um morador da região oeste paranaense, vivendo isolado do restante do estado, sem estradas adequadas para o escoamento de sua produção e enfrentando dificuldades para acessar serviços médicos e adquirir suprimentos essenciais. Com base nesse cenário e na produção do desenho da atividade anterior, os estudantes escreveram as cartas ao governador sugerindo soluções para os problemas enfrentados pela região.

A construção da carta foi considerada pelos alunos a atividade mais desafiadora. Embora muitos tenham mencionado que já haviam realizado produções similares nas aulas de Língua Portuguesa, ainda assim relataram dificuldades durante o processo. Em diálogo com a professora responsável pelo componente curricular, ela confirmou essas dificuldades e contribuiu oferecendo uma revisão para a turma sobre como elaborar uma carta. Inicialmente, estimava-se que a atividade fosse concluída em uma aula de 50 minutos. No entanto, devido às dificuldades apresentadas pelos alunos, o processo acabou se estendendo por três aulas. Essa foi a tarefa que mais demandou suporte, com os alunos solicitando auxílio constante para superar os desafios e concluir a atividade.

A terceira atividade consistiu na elaboração de um vídeo de marketing destacando a importância da BR-277 para o estado do Paraná e para a região da fronteira platina. Essa atividade envolveu o trabalho coletivo da turma, utilizando suas habilidades para concluir o projeto do vídeo de marketing. A proposta incluía um roteiro para a produção do vídeo, com tempo específico a ser respeitado, mas os alunos tinham a liberdade de modificar aspectos do roteiro, conferindo autonomia ao desenvolvimento do projeto. Esta atividade, voltada para turmas da etapa do fundamental II, por ser mais complexa e exigir um maior grau de conhecimento digital tecnológico, propôs em uma situação hipotética, que a turma foi

convidada a participar de um congresso nacional, representando a escola, o município e o estado do Paraná. No início do congresso, as turmas se apresentariam exibindo o vídeo.

A conclusão da atividade, inicialmente prevista para ser finalizada em uma aula, acabou demandando duas aulas para sua realização. Todos os alunos participaram ativamente, utilizando seus próprios celulares para a produção, justificando a escolha pela familiaridade com o equipamento. Observou-se um trabalho colaborativo na organização do vídeo, acompanhado de um diálogo produtivo entre os alunos, o que contribuiu para a realização bem-sucedida da atividade.

Esperava-se que todos os alunos concluíssem as atividades propostas. No entanto, apenas um estudante não completou integralmente o processo. Durante a execução das atividades, esse aluno foi transferido e, por isso, participou apenas parcialmente da etapa de construção do vídeo e conseguiu concluir a entrega da carta. Contudo, ele não finalizou a primeira atividade, que consistia na elaboração de um desenho. O aluno havia solicitado um prazo maior para a conclusão dessa etapa, mas, antes de entregá-la, sua família mudou de município, impossibilitando a finalização da tarefa. Esse tipo de situação é recorrente na escola, uma vez que muitos estudantes são filhos de trabalhadores rurais que prestam serviços em grandes fazendas da região, o que resulta em uma alta rotatividade de alunos ao longo do ano letivo.

De forma geral, as atividades foram concluídas com êxito. É importante destacar que a produção da carta foi considerada a mais desafiadora pelos alunos, devido à dificuldade em organizar as ideias e à pouca familiaridade com esse tipo de produção textual. Por outro lado, a atividade de desenho destacou-se como a mais criativa, sendo bem recebida pelos estudantes, que demonstraram entusiasmo e obtiveram bons resultados.

A produção do vídeo, por sua vez, foi a atividade mais colaborativa de todas, alinhando-se à metodologia baseada em projetos (ABP). Como destaca Moran (2018, p. 16), “essa abordagem adota o princípio da aprendizagem colaborativa, baseada no trabalho coletivo”. A utilização da metodologia ativa facilitou o processo de criação do vídeo e promoveu maior interação entre os alunos, considerando que muitos já possuem o hábito de produzir vídeos para suas redes sociais.

Dessa forma, foi possível analisar a participação dos estudantes e, posteriormente, avaliar as atividades realizadas por eles. Com base na leitura do material e nas produções desenvolvidas, será possível verificar se, e de que maneira, os alunos compreenderam e passaram a perceber a relação entre a história da BR-277 e a história do Paraná.

### 3.2 Os resultados

Partindo de Doug Lemov em sua concepção do simples ao complexo (1967, p. 259) “perguntas eficazes envolvem o raciocínio dos alunos sobre determinado assunto de forma concisa e concreta em um primeiro momento, para depois solicitar-lhes que pensem de forma mais profunda e ampla”.

Com esse trecho, pode-se observar que o autor sugere que as atividades iniciem de um modo mais simples para o mais complexo. Partindo deste, ao iniciar as atividades avaliativas com um desenho para os estudantes expressarem seus conhecimentos prévios e suas ideias iniciais sobre o tema abordado, foi possibilitado aos estudantes mostrarem as diferentes fases temporais e assim pensar as mudanças e permanências da BR 277, e possivelmente de lugares próximos de sua realidade. Segundo Moran (2018, p. 16), através de métodos ativos podem ser “trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico e criativas”, pois é possível notar as mudanças realizadas nos desenhos, além de perceber enfaticamente a ausência de árvores na última fase da BR, do qual se configura com a atualidade.

A partir da produção da atividade um, é possível observar as mudanças em diferentes temporalidades. Nas evidências apresentadas, os trabalhos realizados, representados pelas figuras 14 e 15, elaborados pelos alunos 2 e 3, demonstram essas transformações. As ilustrações retratam o contínuo desaparecimento da floresta ao longo do traçado da rodovia, culminando, nos dias atuais, em um número reduzido de árvores ao longo de seu percurso.

Nas representações das figuras 13 e 17, elaboradas pelos alunos 1 e 5, é possível identificar mudanças relacionadas aos atributos da rodovia atual. A figura 10 apresenta elementos de médio prazo, como uma carroça trafegando em uma estrada de terra. Já na figura 6, destacam-se o asfalto da rodovia atual, a ponte sobre o rio e as alterações no traçado da estrada ao longo dos períodos representados.

Ao analisar a figura 16, elaborada pelo estudante 4, observa-se que a rodovia manteve seu traçado ao longo das diferentes temporalidades. Na representação, é possível identificar, inicialmente, um trabalhador abrindo a mata, ou seja, realizando a “picada”. Em um segundo momento, aparece uma carroça trafegando por uma estrada de terra. Por fim, nos dias atuais, a estrada é retratada completamente asfaltada, com um carro e um caminhão em circulação, evidenciando a importância logística e econômica dessa rodovia.

Prosseguindo com a atividade de produção de carta, Morán (2018) descreve que é uma ação criativa e crítica da situação dos moradores, dentro do recorte espacial e temporal da escrita da carta. Os estudantes, precisariam se colocar em um plano histórico e imaginar a região e

pensando em suas necessidades, observando nesse aspecto a produção da narrativa, e como os estudantes descrevem o cotidiano na região. Escrever é sempre um exercício de reflexo e imaginação, a sensibilidade ao se pensar o deslocamento cognitivo dessa atividade deve ser considerada na análise.

Durante a produção da atividade dois, os alunos demonstraram maior dificuldade em sua realização, por se tratar de uma prática incomum para eles. Para auxiliá-los no processo de escrita, foi fornecido um modelo de carta com o objetivo de familiarizá-los com o formato. Observou-se que as cartas apresentaram menor cuidado em sua elaboração, com erros ortográficos e de concordância verbal, além de quatro delas terem sido escritas a lápis, indicando um menor entusiasmo por parte dos alunos em relação à atividade. Ainda assim, todas as produções atingiram seu objetivo de identificar e contextualizar as dificuldades enfrentadas pela região no início do século XX, permitindo que os alunos se colocassem no lugar dos moradores daquela época.

Ao analisar as cartas representadas nas figuras 18, 19, 20 e 23, produzidas respectivamente pelos alunos 1, 2, 5 e 6, observa-se que essas produções apresentam melhor organização e coerência, apesar de ainda conterem problemas relacionados à ortografia e à concordância verbal. Um tema recorrente nessas cartas é a dificuldade logística, que impacta diretamente a economia local, além de pedidos por melhorias nas condições da estrada. Essas produções evidenciam que os alunos conseguiram relacionar e compreender as dificuldades enfrentadas pelos moradores da região, bem como o isolamento característico desse período.

Nas figuras 20 e 21, produzidas pelos alunos 3 e 4, constatou-se o maior número de erros ortográficos, problemas de concordância verbal e inadequações na estrutura da carta, que se apresenta parcialmente incorreta. Apesar dessas limitações, o conteúdo das cartas aborda, ainda que de forma menos detalhada, as dificuldades encontradas na região, conforme era esperado. Embora parte do conteúdo tenha sido apresentada, nota-se uma menor profundidade na abordagem em comparação com outras produções.

A preocupação em relação ao abastecimento e deslocamento da produção agrícola esteve presente, podemos observar que este tema pode ter surgido de forma intensa por estes estudantes estarem situados na região rural e ser parte do seu cotidiano esta temática, neste caso fica a uma possibilidade de utilizar estas atividades em uma escola urbana e comparar estas cartas.

O último momento de atividade, segundo Lemov (1967) seria a mais complexa destas, tendo em vista o desenvolvimento das atividades anteriores, e a base de metodologia na

Aprendizagem por Projetos, ela se torna palpável, pois os estudantes construíram uma base sobre o conhecimento adquirido.

O vídeo de apresentação da BR-277, feito pelos estudantes do 9º ano do ensino fundamental II, evidencia o engajamento e a criatividade da turma ao retratar a história da estrada desde sua construção até os dias atuais. Os objetivos iniciais desta atividade se concentravam em produzir um conteúdo audiovisual que estabeleça um vínculo com o público ao abordar as permanências e mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas ao longo da BR-277, problematizando seus aspectos mais relevantes.

Com base no vídeo apresentado, é possível identificar as mudanças na rodovia por meio das imagens exibidas e da narração. Contudo, cabe destacar que o discurso ao longo do vídeo não se desenvolveu de forma cíclica, além de ter apresentado uma ausência de detalhes mais aprofundados sobre o período inicial da construção da estrada.

Esses fatores, que impactaram parcialmente a abordagem histórica do vídeo, poderiam ser solucionados com uma maior duração na produção, permitindo um tratamento mais abrangente e detalhado dos elementos mencionados. Ainda assim, é importante ressaltar que tais aspectos não comprometeram de forma decisiva a qualidade geral da produção, que conseguiu cumprir seus objetivos principais de maneira satisfatória, percebendo esses elementos no vídeo.

Disponibilizado no YouTube<sup>9</sup>, o material oferece uma oportunidade de analisar os resultados do projeto, destacando como os alunos foram capazes de articular pesquisa, narrativa histórica e uso de tecnologias digitais para produzir um conteúdo relevante e informativo. A produção do vídeo demonstra o impacto positivo da metodologia ativa baseada em projetos, ao possibilitar que os estudantes se tornem protagonistas da produção e de seu aprendizado, conectando o conteúdo com a realidade local e as habilidades de colaboração, análise crítica e comunicação.

Essa atividade possibilita também o desenvolvimento crítico e criativo dos estudantes. O trabalho em grupo para esta produção é um “exercício-projeto, quando o projeto é aplicado no âmbito de uma única disciplina” (Moran, 2018, p.17). Assim, quando possível, tendo a possibilidade de integrar o componente curricular de pensamento computacional, que nesta produção não ocorreu devido a dificuldades de organizar horários compatíveis.

A última atividade planejada tinha como objetivo promover uma roda de conversa para analisar criticamente as produções realizadas sobre a BR-277. A proposta visava incentivar a

---

<sup>9</sup> <https://youtube.com/shorts/Sw5v9o-j3C8>

interação entre os participantes, fomentando a construção de um conhecimento compartilhado sobre as transformações e permanências associadas à rodovia, além de seus reflexos na sociedade contemporânea.

A atividade não teria caráter avaliativo, mas seria concebida como uma troca de experiências e saberes em um ambiente descontraído e acolhedor, no formato de uma roda de conversa ou tertúlia. Para reforçar o aspecto cultural e comunitário, o encontro seria acompanhado por chimarrão e tereré, conforme a preferência dos alunos.

Infelizmente, essa atividade não foi realizada devido ao encerramento antecipado do ano letivo. Nas duas últimas semanas de aula, os jogos escolares internos coincidiram com o período reservado para as aulas de história, inviabilizando a realização da roda de conversa. Além disso, por se tratar de uma escola do campo, a logística foi comprometida pelo término antecipado do transporte escolar, que encerrou suas atividades duas semanas antes do fim oficial do ano letivo de 2024, desta forma perdi quatro semanas de aula com a turma. Esses fatores tornaram inviável a execução da atividade conforme planejada.

A seguir, será possível analisar as evidências da atividade um (1):

Figura: 13 estudante 1



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 14 estudante 2



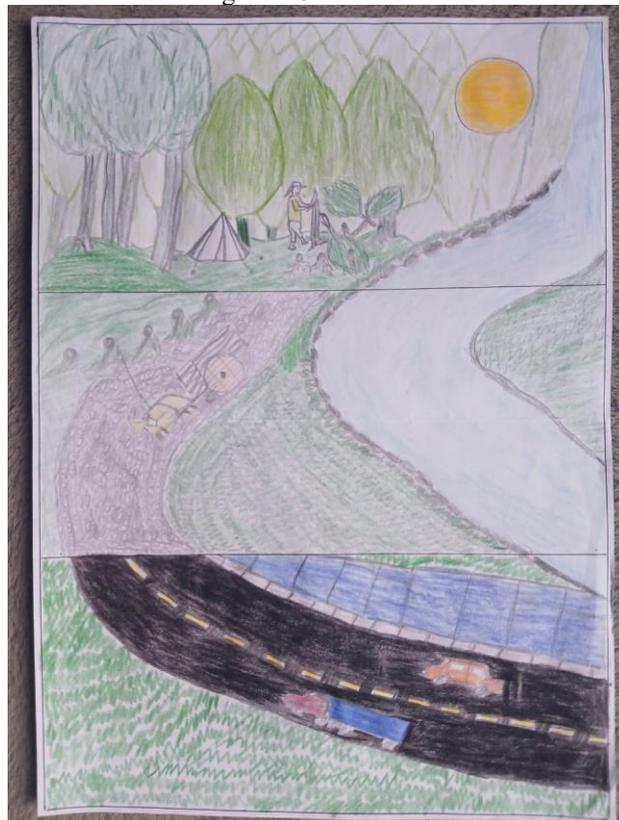
Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 15 estudante 3



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 16 estudante 4



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 17 estudante 5



Fonte: Dados da pesquisa.

Evidencia da atividade dois, carta ao governador do estado paranaense:

Figura: 18estudante1

Excelentíssimo Senhor Governador  
 Região Oeste do Paraná  
 1 de junho de 1900

Por meio desta venho requisitar por uma grande reforma para nossa Região Oeste e principalmente em relação as estradas, que no momento está em péssimas condições.

Muitos moradores estão enfrentando várias dificuldades para acessar e os serviços médicos, conseguir mercadorias para receber alimentos e tecidos para as confecções. Durante os dias chuvosos os moradores têm muita dificuldade para atravessar com as carroças, pois as estradas ficam inundadas de água e impedindo a passagem de carroças de transporte de mercadorias.

Muitas pessoas estão sem acesso a medicamentos e muitos estão perdendo a vida por falta de atendimentos médicos.

O aumento dos custos de saúde dos moradores da região estão sendo muitos altos.

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 19 estudante 2

Excelentíssimos governadores! Gostaria de solicitar  
 com paciência e falar sobre nossa situação, de nossa  
 região. E através desta venho manifestar minha  
 profunda preocupação com a situação.

Não só a minha situação mas a de toda  
 região. Tomei a frente e vim explicar e contar  
 nossa situação, falar tudo que está acontecendo.

A situação está crítica nestes dias, está  
 chovendo muito, e nossa estrada inundou, tanto nos  
 pontos nos atómos e está muito perigoso, o rio subiu  
 e alagou boa parte da estrada, precisamos encher  
 nossos depósitos de comida nossa estoque está acabando.

A falta de água está diante e precisamos de reme-  
 dios. Precisamos de uma estrada toda vez a mesma  
 coisa, mas desta vez passou dos limites.

Por isso, diante do exposto solicito que nessa  
 excelência tome as medidas cabíveis para solucionarmos o  
 problema apresentado, no menor prazo possível.

Acredito que a atenção do governo do estado para  
 esta questão é fundamental para garantir a qualidade  
 de vida da população regional e este  
 agradeço a atenção e fico a disposição para prestar quaisquer  
 esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 20 estudante 3

( ) ( ) ( )

carta para o governador

Venho por meio desta fazer petição para  
 o debate sobre melhores meios estrate-  
 gicos para as ruas porque se fosse  
 nos meio pedras e pedras aqui ja  
 houve muitas pedras que não consegu-  
 ram chegar na cidade e acabaram criando  
 muita sujeira e muita sujeira mesmo  
 por falta de medicamento de não conseguir  
 não registar muita sujeira ainda muitas  
 pedras estão passando para que  
 não conseguem chegar lá por que  
 a cidade não pode não conseguir lá para  
 para chegar lá. Pois pedras que a  
 pedras têm atitude para não ajudar.

Ass: Um cidadão que sente dor

Ass: Governador paranaense

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 21 estudante 4

11

Carta de Reclamação ao Governador do Estado


 Através desta ~~carta~~ venho manifestar minha profunda preocupação com as estradas que estão muito esburacadas e estão dificultando a busca de mercadorias e a ~~travessia~~ ~~de~~ venda de couros, e muitas pessoas ficam doentes e ~~de~~ chegam a morrerem pela falta dos medicamentos necessários e médicos.

Poderia ser tomada uma atitude sobre as estradas que estão em péssimas condições e também nos preciso pontos para que possamos diminuir a distância das cidades para que não precisemos ir avulsos atravessando de barcos pelos rios muito perigosos.

Atenciosamente; morador da Região Oeste Paranaense

Para: Governador

Data: 17/05/1890.

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura: 22 estudante 5

Região oeste PR 11 de outubro de 1905

Excelentíssimo governador

Venho por meio desta, comunicar com a Vossa  
 pessoa, governador tenho muitas coisas  
 para esclarecer, hoje em dia nossas estradas  
 estão ficando muito ruins fica muito difícil  
 de sair para a cidade nessas estradas estão  
 todas cheias de buracos, os carros estão sofrendo  
 muito até chegar em seu destino muitas  
 vezes ficam encalhados na estrada

É também fica muito ruim para se  
 deslocar para o comércio aqui na nossa região  
 ocorre muito atos de desmatamentos por conta  
 das pessoas querem arrastar madeira  
 para fazer casas, moinhos etc.

Nosso policiamento é muito fraco por conta  
 que fica muito longe para eles. não dá uma  
 olhada na nossa cidade, nesse comércio  
 ficam muito longe para comprar suplementos  
 atendimentos, médicos também está muito preguiçoso  
 por isso eu queria que o senhor, Vossa excelência  
 fizesse isso para melhorar nossa município.

Que o senhor arrumare nossas estradas  
 nosso atendimento, e ver com o senhor  
 se podia melhorar nossa rotas de deslocamentos  
 para a cidade.

17/10/1905  
 ASS: Rogério M.C. V.  
 para governador

Figura: 23 estudante 5

Local: Cuzc Paromansi.  
 Data: 1905

Kenho por meio desta, Excelentissimo  
 Senhor governador, a qui em minha  
 região ocorreu uma chuva muito forte  
 e aumentou o nivel da agua do  
 rio, Senhor governador, eu tenho familias  
 muito pobres e por isso que eu queria  
 pedir a Vossa Excelencia para fazer  
 obra das novas, por qui fica muito  
 dificil para eu ir buscar remedio para  
 os meus familiares, e que fica muito longe  
 dessa região esta passando por grandes  
 dificuldades para o acesso a servico  
 medicos e adquirir medicamentos encara  
 de doenças. As pessoas tem dificuldades  
 para pegar suplementos ou alimentos, a  
 Cidade mais perto para nós irmas  
 e Guarapuava que da no maximo 300km,  
 mas ainda fica muito ruim por conta  
 do transtorno do tráfego, por isso que  
 quero para as estradas terem cuidado  
 na ou asfalto por conta das chuvas, as  
 estradas de chão ficam muito  
 lisa e causa muito acidentes, e tambem  
 queria que a Vossa Excelencia fizesse pontes  
 nos rios por conta deles enchirem e tambem  
 que tivesse ambulância para pegar  
 as pessoas que estão doentes em casa  
 por conta das estradas, nome tráfego  
 extremamente ruim e por isso  
 Endereço: Região Cuzc

**FORONI**

Fonte: Dados da pesquisa.

### 3.3 É possível aprendizagem por projetos no ensino de História? Algumas considerações.

A aprendizagem é um processo compartilhado entre aluno e professor, desenvolvido ao longo do ensino e pautado pela colaboração e construção conjunta do conhecimento. Considerando os princípios da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), o aluno assume o papel de protagonista de sua própria trajetória de aprendizagem, enquanto o professor atua como curador, auxiliando na mediação e seleção das informações que chegam em grande volume pelos meios digitais.

De acordo com o guia do *Buck Institute for Education* (2008, p. 61), o produto final das atividades realizadas nesse contexto "ao término de um projeto muitas vezes representa uma combinação de conhecimento de conteúdos e habilidades que oferecem aos alunos a oportunidade de demonstrar aprendizagem em diversos tópicos e competências". Nesse sentido, as atividades desenvolvidas durante o processo de ensino tornam-se evidências concretas da assimilação de saberes e do desenvolvimento de habilidades diversas, reforçando o papel central do aluno no aprendizado.

Analisando as atividades desenvolvidas pelos estudantes, na primeira produção, a do desenho, era esperado que eles conseguissem perceber as diferentes temporalidades em um mesmo espaço. Foi pensado para que construíssem o mesmo desenho em diferentes períodos, percebendo assim as mudanças e permanências históricas. Ao observar todos os desenhos, nota-se que os estudantes identificaram as mudanças ocorridas durante o período, com a principal mudança sendo a vegetação que vai sumindo com a passagem do tempo. O desenho do estudante número 4 destaca-se, mostrando a construção da picada e, posteriormente, a retirada do restante da mata. Atualmente, não se encontra mais vegetação próxima à BR. O estudante 5 destaca a atual BR-277 com a presença do Estado, representada por um posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF), e a presença da iniciativa privada com o pedágio.

Conclui-se que os estudantes compreenderam e desenvolveram a atividade de forma satisfatória, atendendo aos objetivos propostos. Esses objetivos incluíam fomentar processos criativos em artes visuais com base no tema da BR-277, além de incentivar a identificação e análise de diferentes formas de compreender a noção de tempo e a periodização dos processos históricos relacionados à rodovia. Foram considerados aspectos como continuidades, rupturas, simultaneidades e permanências ao longo de sua história.

Conforme observado no desenvolvimento da atividade, destacou-se a criatividade na representação visual dos estudantes, ainda que com variações entre aqueles com maior ou menor capacidade criativa. Essa variação, no entanto, não comprometeu a capacidade de

representar os elementos fundamentais que evidenciam os diferentes períodos históricos da rodovia e as mudanças ocorridas em seu entorno. Dessa forma, é possível afirmar que os alunos demonstraram uma compreensão significativa dos distintos períodos históricos associados à BR-277, refletindo esses conhecimentos em suas produções artísticas.

Na segunda atividade, a produção de uma carta para o governador do estado do Paraná, solicitando atenção para a região oeste, nota-se como os estudantes se colocaram no lugar dos antigos moradores, expressando seus anseios, receios e necessidades. As cartas relatam principalmente o desabastecimento de necessidades básicas, como alimentos e tecidos para vestuário, além da necessidade de medicamentos e acesso à saúde. As estradas ruins tornavam quase impossível a transposição pelos moradores da região.

Nesta atividade, os objetivos propostos foram plenamente alcançados. Entre eles, destacaram-se a identificação e contextualização das relações sociais, econômicas e políticas da população do oeste paranaense no início do século, além da promoção de uma problematização crítica dessas dinâmicas. A atividade também buscou estabelecer formas de comunicação eficazes para transmitir mensagens e fomentar o diálogo entre as pessoas.

Os participantes demonstraram uma compreensão significativa do contexto histórico do período, elencando elementos essenciais como o transporte, as necessidades básicas relacionadas à saúde e à economia. Além disso, o diálogo foi incentivado por meio da elaboração de cartas, um meio de comunicação amplamente utilizado na época, permitindo aos alunos vivenciarem práticas históricas e aprofundarem sua compreensão das relações sociais e culturais do período. Dessa maneira, os objetivos foram alcançados com êxito, promovendo um aprendizado relevante e contextualizado.

Na última fase, a produção do vídeo para apresentar a estrada como referência para a turma, tendo em vista que este foi o produto final deste projeto que segundo Bender (2014, p.16) artefato que “pode abranger vídeos digitais”. O desenvolvimento do processo foi satisfatório. Os estudantes identificaram os diferentes tempos da estrada, construíram uma visão linear e destacaram os principais pontos. Embora não tenham utilizado o recorte da estrada até Guarapuava, esses pontos podem ser corrigidos em uma roda de conversa e debate com os estudantes, como sugerido no final do material didático.

Respondendo à pergunta inicial: os estudantes podem aprender história a partir de uma estrada? Sim, é possível. A proximidade e o conhecimento da estrada tornam o conteúdo interessante, despertando o interesse em conhecer a história local. A produção das atividades demonstra essa possibilidade, com os estudantes obtendo êxito em suas produções, conforme apresentado.

As metodologias ativas podem ser aplicadas de forma satisfatória nas aulas de história, desde que problematizadas. Utilizando a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) associada ao conteúdo de história, o resultado foi o vídeo produzido pela turma. Segundo Moran (2018, p. 16), "é uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que tenha ligação com sua vida fora da sala de aula". A produção do vídeo demonstrou êxito, com os estudantes aplicando o conhecimento adquirido durante as aulas.

O desenvolvimento das atividades demonstrou a assimilação do conteúdo. Nos trabalhos individuais, os estudantes realizaram a distinção entre as diferentes fases da BR-277 e suas mudanças, inclusive na vegetação da região. Na produção das cartas, descreveram preocupações principalmente em relação à saúde e ao deslocamento na região.

Na produção do vídeo, a história da BR-277 foi apresentada de forma sintética. Esses elementos indicam que ocorreu a aprendizagem de História a partir de uma estrada. As atividades foram produzidas de forma crítica e criativa, podendo ser usadas por outros professores como elemento para o ensino de História do Paraná, sendo adaptadas conforme a realidade de cada escola e de cada turma. Utilizável para demais professores e demais turmas.

O material didático produzido possui a versatilidade necessária para ser utilizado em diferentes turmas do Ensino Fundamental II. Ele pode ser aplicado integralmente no 9º ano, mas também apresenta potencial para ser adaptado às necessidades de outras séries. No 8º ano, o material pode ser utilizado para abordar conteúdos como o Brasil Império, políticas de migração no século XIX (no contexto do Brasil e do Paraná), escravidão e abolição, territórios e fronteiras (com destaque para a Guerra do Paraguai), além de temas como o messianismo e a questão do Contestado.

Para o 7º ano, há possibilidades de trabalhar aspectos relacionados às missões jesuíticas, à questão indígena de forma geral, à colonização portuguesa e espanhola, bem como estabelecer relações com o tropeirismo. Já no 6º ano, o material pode ser explorado como fonte histórica, promovendo análises de relatos de viagem, recortes de jornais e mapas, auxiliando na construção da noção de fonte histórica, podendo ser usada nesta turma a rotação por estação. Essas alternativas demonstram o potencial do material para diversas abordagens e reforçam sua aplicabilidade em trabalhos futuros no contexto do ensino de História.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a concepção deste trabalho, o objetivo central sempre foi a melhoria do ensino de História. A vivência no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) representou uma experiência transformadora, abrindo um leque de novas possibilidades para as práticas em sala de aula. Esta dissertação reflete a essência desse aprendizado, com o intuito de contribuir tanto para o desenvolvimento educacional de professores quanto de alunos.

O material didático desenvolvido buscou superar a utilização de produtos prontos e pré-definidos, promovendo maior autonomia aos professores comprometidos com a construção de uma educação pública de qualidade. Espera-se que este trabalho se torne um instrumento valioso de apoio às aulas de História do Paraná, proporcionando um recurso pedagógico que fomente a criatividade, a reflexão crítica e o protagonismo no processo de ensino-aprendizagem.

Como culminância de todo o percurso desenvolvido, destaca-se o vídeo produzido, que sintetiza de forma acessível e dinâmica os principais resultados e contribuições do trabalho, reforçando sua aplicabilidade prática no contexto educacional.

A pesquisa buscou evidenciar como os alunos aprendem história por meio de uma metodologia ativa. Para isso, foi necessário criar um material didático pedagógico como suporte teórico durante as aulas, seguido do desenvolvimento de atividades realizadas pelos estudantes para evidenciar essa aprendizagem. Considerando que no estado do Paraná existe uma lei que obriga o ensino de História do Paraná, mas há um número reduzido de aulas e poucos materiais disponíveis para esse fim, o material didático conta a história da BR-277 como frente aos acontecimentos históricos do estado.

Nesse quesito, o texto foi bem-sucedido, pois, a cada momento do conteúdo, o professor poderia utilizá-lo como ponto de partida para abordar outros temas. Como a BR-277 é o fio condutor dessa história, os alunos reconheceram o tema de seu cotidiano, o que proporcionou maior participação durante as aulas.

O desenvolvimento das atividades levou mais tempo que o esperado devido à leitura do texto, ao seguimento do currículo escolar, aos compromissos de provas externas e ao calendário trimestral de notas e relatórios. O material didático serviu como âncora, que segundo Bender (2014, p. 16) “serve para fundamentar o ensino em um cenário do mundo real” e para o desenvolvimento das atividades, nas quais os alunos utilizaram esse suporte para enriquecer seus conhecimentos durante o projeto. As atividades tiveram como resultado o

desenvolvimento de artefatos pelos estudantes, que são segundo Bender (2014, p.16) “criados ao longo da execução de um projeto e que representam possíveis soluções”, como a produção de um desenho, uma carta ao governador do estado e, por fim, um vídeo de marketing.

Conclui-se que as atividades foram realizadas com êxito e que os alunos aprenderam história a partir de uma estrada. A metodologia ativa (ABP - Aprendizagem Baseada em Projetos) pode ser uma aliada nesse processo, pois foi possível observar que todos os estudantes realizaram as atividades de forma satisfatória. Os desenhos, principalmente, representaram as mudanças e permanências no cenário da BR-277, mostrando a evolução ao longo do tempo.

Durante a produção da carta, alguns alunos enfrentaram dificuldades, pois não têm o hábito de escrever cartas. A interdisciplinaridade entre História e Língua Portuguesa, embora desejável para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, não foi plenamente alcançada nesta atividade. A sobrecarga de trabalho docente e a ausência de momentos de planejamento colaborativo foram os principais obstáculos. Esse foi um dos maiores desafios, mas foi superado, e concluiu-se que a maior dificuldade identificada pelos estudantes foi o deslocamento precário. Até o início do projeto, os estudantes não haviam percebido a função histórica da BR-277. A produção do desenho teve mais sucesso que a carta, pois permitiu maior criatividade na avaliação das atividades.

A produção do vídeo uniu dois polos até então opostos: a história e a trafegabilidade da estrada. No vídeo, foram encontrados ambos os elementos conectados, demonstrando que a base teórica do conhecimento foi aprendida. Assim, conclui-se que os estudantes podem aprender história a partir de uma estrada e que a ABP pode ser uma aliada nesse aprendizado. As atividades foram desenvolvidas de forma crítica e criativa, e podem ser usadas por outros professores como elemento para o ensino de História do Paraná. As atividades podem ser adaptadas para a realidade de cada turma.

Todo o processo ocorreu com a mediação do professor, com momentos de trabalho individual e em grupo, colocando o estudante como protagonista do ensino. Os estudantes foram avaliados de diferentes ângulos e competências. No final do processo, houve uma roda de conversa em que os alunos expressaram sua opinião sobre o conteúdo trabalhado e sua aprendizagem, conduzindo um diálogo sobre o tema apresentado.

A produção desenvolvida nesta pesquisa, que resultou em um material didático pedagógico voltado para o ensino de História do Paraná, representa um importante passo para aproximar os alunos de sua realidade e oferecer suporte teórico para as aulas do 9º ano. No entanto, esse material é apenas a ponta do iceberg das inúmeras possibilidades de aplicação da metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP).

Essa abordagem pedagógica abre um vasto campo para o desenvolvimento de práticas inovadoras, permitindo explorar diferentes temas e contextos de forma interdisciplinar e dinâmica, sempre colocando o aluno como protagonista de sua própria aprendizagem. Assim, o trabalho realizado não apenas cumpre seu objetivo imediato, mas também aponta para novas oportunidades de enriquecer o ensino de História e outras áreas do conhecimento.

A criação e a inclusão do componente curricular de História do Paraná na grade curricular são de suma importância para preencher uma lacuna significativa no ensino. Essa iniciativa é fundamental porque permite que os estudantes compreendam as especificidades históricas, culturais, sociais e econômicas do estado em que vivem, promovendo o fortalecimento de sua identidade local e regional.

Estudar a História do Paraná proporciona aos alunos uma conexão mais profunda com o território, suas comunidades e os processos históricos que moldaram a realidade atual. Além disso, a inserção desse componente curricular possibilita uma análise crítica das transformações ocorridas no estado, considerando aspectos como migrações, desenvolvimento econômico, relações sociais e diversidade cultural.

Ao integrar esse conteúdo à grade curricular, assegura-se que o ensino de História contemple a pluralidade de experiências e narrativas, permitindo que os estudantes desenvolvam um senso de pertencimento e cidadania. Isso contribui para a formação de indivíduos mais conscientes de seu papel na sociedade e de sua responsabilidade na preservação e valorização da memória histórica e cultural do Paraná.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, 2012.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2017.
- BENDER, Willian N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Penso Editora, 2014.
- BIE – Buck Institute for Education. **What is Project Based Learning (PBL)?** Disponível em: <[https://www.bie.org/about/what\\_pbl](https://www.bie.org/about/what_pbl)>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- BITTENCOURT, Jane. Mestrados profissionais e desenvolvimento profissional da docência: uma análise do programa ProfHistória. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 18, n. 39, p. 1-21, 2022.
- BORTOLAZZO, Sandro Faccin. A geração digital como identidade cultural na contemporaneidade. CONSELHO EDITORIAL, p. 42, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/AdilsonHabowski/publication/355334126\\_CRIANCAS\\_E\\_TECNOLOGIAS\\_REFLEXOES\\_A\\_PARTIR\\_DE\\_CONTINGENCIAS\\_EM\\_TEMPOS\\_DIGITAIS/links/616f049db148a924b8f8fc54/CRIANCAS-E-TECNOLOGIAS-REFLEXOES-A-PARTIR-DE-CONTINGENCIAS-EM-TEMPOS-DIGITAIS.pdf#page=42](https://www.researchgate.net/profile/AdilsonHabowski/publication/355334126_CRIANCAS_E_TECNOLOGIAS_REFLEXOES_A_PARTIR_DE_CONTINGENCIAS_EM_TEMPOS_DIGITAIS/links/616f049db148a924b8f8fc54/CRIANCAS-E-TECNOLOGIAS-REFLEXOES-A-PARTIR-DE-CONTINGENCIAS-EM-TEMPOS-DIGITAIS.pdf#page=42) acesso em 27 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério dos Transportes. **Nomenclatura das rodovias federais**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/rodovias/rodovias-federais/nomeclatura-das-rodovias-federais>. Acesso em 14 mar. 2024.
- BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. **Aprendizagem baseada em projetos: guia para professores de ensino fundamental e médio**. Artmed, 2008.
- CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: Como se ensina? Como se aprende? In: MAGALHÃES, M.; ROCHA, H.; CONTIJO, R. (org.). **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Cap. 3, p. 65–79.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Escola Nova e Ensino de História no Brasil. In: Simpósio Nacional de História - **Programas e resumos [do] XXIII Simpósio Nacional de História: guerra e paz**. Londrina: Editora Mídia, 2005.
- CAIMI, Flávia Eloisa. A aprendizagem profissional do professor de História: desafios da formação inicial. **Fronteiras: Revista de História**, v. 11, p. 27-42, 2009.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Geração Homo Zapiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica. In: Marcelo Magalhães et al. **Ensino de História: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2014, v. 1, p. 165-183.

CAIMI, Flávia Eloisa. MISTURA, Letícia. MELLO, Pedro Alcides Trindade de. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? **Fronteiras - Revista Catarinense de História**. Chapecó - SC, Brasil. n. 37, p. 9-23, jul.-dez./2021. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/12463/7981>. Acesso em 20 fev. 2023.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? **História & Ensino**, v. 21, p. 105-124, 2015.

CAIMI, Flávia Eloisa; NICOLA, Bárbara. Os jovens, a aprendizagem histórica e os novos suporte de informação. **Opsis**, v. 15, p. 60-69, 2015.

CAIMI, Flávia Eloisa; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. Progressão do conhecimento histórico entre o ensino fundamental e o ensino médio: um olhar sobre o livro didático. **Revista Acta Scientiarum. Education**, v. 39, p. 483-495, 2017.

CANHA, Vanderleia. **Educação patrimonial e história local: problematizando histórias na estrada da Graciosa na Província do Paraná (1853-1889)**. Curitiba, 2023.

CAMARGO, João Oliver. **NERJE – Laranjeiras do Sul, raízes de nossa terra**. Laranjeiras do Sul: s/Ed, 1999.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Nativos digitais, imigrantes digitais: quinze anos depois. BUENO, André. CREMA, Everton. ESTACHESKI, Dulceli. **Para um Novo Amanhã: visões sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição LAPHIS/Sobre Ontens, 2016.

CUNHA STECA, Lucineia; MARILEIA, DIAS FLORES. **História do Paraná**. Do século XVI a década de, 1950. Londrina: Ed UEL, 2002.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de história. In. SILVA, Gerson Henrique da; BUHÕES, Ronaldo; PERIS, Alfredo Fonceca. **Mesorregião Oeste Paranaense: diagnóstico e perspectivas**. Cascavel, p. 1-47, 2002.

DE MELLO, Paulo Eduardo Dias; FERREIRA, Angela Ribeiro. **BNCC de História no Paraná: o novo ciclo autoritário de política curricular**. 2021.

FERREIRA, Kalina Fernanda Cavalcanti et al. **Ensino de geografia através da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP): experiência a partir do ensino remoto**. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re) ocupação**. Franca. 2007.

HAHN, Fábio André; GIOVANNI, Aداiane. Iniciação à docência e ensino de história — desafios na contemporaneidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 430-444, 2015.

IBGE. Educa Jovens. Divisão político-administrativa regional. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18310-divisao-politico-administrativa-e-regional.html>. Acesso em 14 mar. 2024.

INSTITUTO DE TERRAS E CARTOGRAFIAS DO ESTADO DO PARANÁ. **Coletânea de mapas históricos do Paraná**. Curitiba: ITCF, 2006.

ITAIPU BINACIONAL. **Tratado de Itaipu**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>. Acesso em 14 mar. 2024.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.

MAGNOLIO, Demétrio. **O corpo da pátria**: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997.

MARTINS, Rejane Pires. BR 277 o traço que mudou o Oeste. **Aldeia**, Cascavel, 20, p. (12 á 15), agosto, 2009.

MYSKIW, Antonio Marcos. **A Fronteira como destino de viagem**: A Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888-1907). 2009.

MORAN, José. **Metodologias ativas de bolso**: como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda. Arco 43, 2021.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas**. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, p. 02-25, 2018.

MOTA, Lúcio Tadeu et al. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná 1769-1924. 1994. Maringá EDUEM, 1994.

OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda de; NETO, João Augusto Mattar. Folhetim Lorenianas: aprendizagem baseada em projetos, pesquisa e inovação responsáveis na educação. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 2, p. 341-363, 2018.

PARANÁ. Guia Geográfico do Paraná. **Antigo Território do Iguaçu**. Disponível em: <http://www.guiageo-parana.com/mapas/territorio-iguacu.htm>. Acesso em 14 mar. 2024.

PARANÁ. Instituto Água e Terra. **Coletânea de Mapas Históricos do Paraná**. Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Coletanea-de-Mapas-Historicos-do-Parana>. Acesso em 14 mar. 2024.

PEREIRA, Oscar Ramos. **Rodovias paranaenses construídas pelo Exército (período de 1927-1948)** – subsídios para uma história das rodovias federais. s/e, agosto de 1948.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants - Part 1. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

PRIORI, Angelo et al. **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Eduem, 2012.

RITTER, Janete. Multianos no estado do Paraná: entraves e possibilidades. **Educação do Campo**: pesquisas, estudos e práticas no Sudoeste do Paraná. Jundiaí: Paco Editorial, pág. 295-308, 2020.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **Foz do Iguaçu**: cidade rede sul-americana. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Laízi da Silva et al. **Aprendizagem Baseada em Projetos**: contribuições para a formação em Psicologia. 2022.

SANTOS, Poliana. Erva mate: o ouro verde do Paraná. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/erva-mate/origens/>. Acesso em 14 mar. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil**: uma biografia / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling – 2ª ed. – São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Marcos. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo entendido. Papyrus Editora, 2007.

TRATADO DE ITAIPU. Brasília, 26.4.1973. Disponível em: Disponível: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>. Acesso em: 15/06/2023.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 52, p. 455-478, 2017.

VEEN, Wim; WRAKKING, Bem. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 2ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WACHOWICZ. Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos**: história do oeste-paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

## ANEXO

## Plano de Aula

Plano de aula – BR 277: História e Memória		
<b>Professor (a):</b>		
<b>Tema:</b> História do Paraná	<b>Área do Conhecimento:</b> Ciências Humanas	
<b>Aula nº:</b> 7 aulas	<b>Ano/Série:</b> 9ª ano	
<b>Objetos de Conhecimento:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• BNCC (EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.</li> <li>• PR. EFO9HI17. s. 9.20. Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Paraná e do Brasil a partir de 1946.</li> <li>• PR. EFO9HI28. a. 9.17 Identificar e analisar aspectos nas relações de poder da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses, bem como suas influências e consequências para o Paraná, Brasil e o mundo. Estes podendo ser adaptados.</li> </ul>	<b>Conteúdos:</b> BR 277: História e Memória	<b>Objetivos de Aprendizagem:</b> Desenvolver processos criativos em artes visuais com base no tema da BR-277, buscando identificar e analisar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e da periodização dos processos históricos relacionados à BR-277, considerando aspectos como continuidades, rupturas, simultaneidades e permanências. Identificar e contextualizar as relações sociais, econômicas e políticas da população do oeste paranaense no início do século, promovendo a problematização dessas dinâmicas e estabelecendo formas de comunicação eficazes para transmitir mensagens e fomentar o diálogo entre as pessoas. Produzir um conteúdo audiovisual que estabeleça um vínculo com o público ao abordar as permanências e mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas ao longo da BR-277, problematizando seus aspectos mais relevantes. Realizar uma roda de conversa para analisar criticamente as produções sobre a BR-277, promovendo a interação entre os participantes e a construção de um conhecimento compartilhado sobre as transformações e permanências ao longo da rodovia e seus reflexos na sociedade atual.

**Encaminhamentos Metodológicos:**

Na primeira aula, organize a turma em um círculo na sala de aula para favorecer a interação e o diálogo. Inicie com uma exposição geral sobre a História do Paraná, criando um espaço para que os alunos compartilhem suas lembranças e percepções sobre o tema. Após ouvirem os relatos, introduza a discussão perguntando o que eles sabem sobre a história da região onde vivem. Em seguida, explore como os conhecimentos prévios dos alunos podem ser relacionados ao conteúdo curricular. Apresente de forma introdutória a conexão entre a História do Paraná e os temas trazidos pelos estudantes, explicando a relação com a BR-277. Reserve os minutos finais da aula para que os alunos debatam essa última conexão, incentivando reflexões e discussões colaborativas sobre a relação entre o conteúdo curricular e suas vivências locais.

Nas próximas três aulas, mantenha a disposição em círculo na sala para promover a interação entre os alunos. Inicie cada aula retomando o conteúdo abordado anteriormente e pergunte aos alunos se conversaram com seus familiares ou pessoas próximas sobre o tema discutido. Reserve um momento para que eles compartilhem esses relatos com a turma. Apresente o material didático História e Memória *da BR-277*. A leitura do material será realizada de forma conjunta entre alunos e professor. Durante esse processo, organize momentos para paradas reflexivas, feedbacks, discussões em grupo sobre o tema e pesquisas na internet, garantindo o aprofundamento do conteúdo. O professor atuará como mediador, orientando as atividades e promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa e significativa.

Reserve três aulas para a realização das atividades propostas. Na primeira, inicie com a produção de desenhos utilizando papel A4, lápis de cor e régua, com o objetivo de observar se os alunos conseguem identificar as diferentes temporalidades da estrada. Na segunda atividade, os alunos deverão produzir uma carta, que pode ser escrita em papel A4 ou outro material escolhido pelo professor. Nessa etapa, avalie se os alunos conseguem se colocar no lugar de um morador do oeste paranaense no início do século XX, demonstrando compreensão histórica. Para a terceira atividade, utilize o laboratório de informática ou permita o uso de celulares com aplicativos de edição de vídeo. Verifique se os alunos conseguem criar vídeos cujo conteúdo esteja alinhado com os objetivos e encaminhamentos propostos na atividade. Por fim, na quarta atividade, finalize o material didático promovendo uma roda de conversa entre o professor e os alunos. Esse momento permitirá a interação e a reflexão sobre os conteúdos abordados nas aulas anteriores, consolidando o aprendizado de forma colaborativa.

**Recursos:**

Quadro verde

Mapas

Fotos

Recursos Digitais, televisão

Folha A4 (folha sulfite)

Lapis de cor

Regua

Computado com acesso a internet

Celular